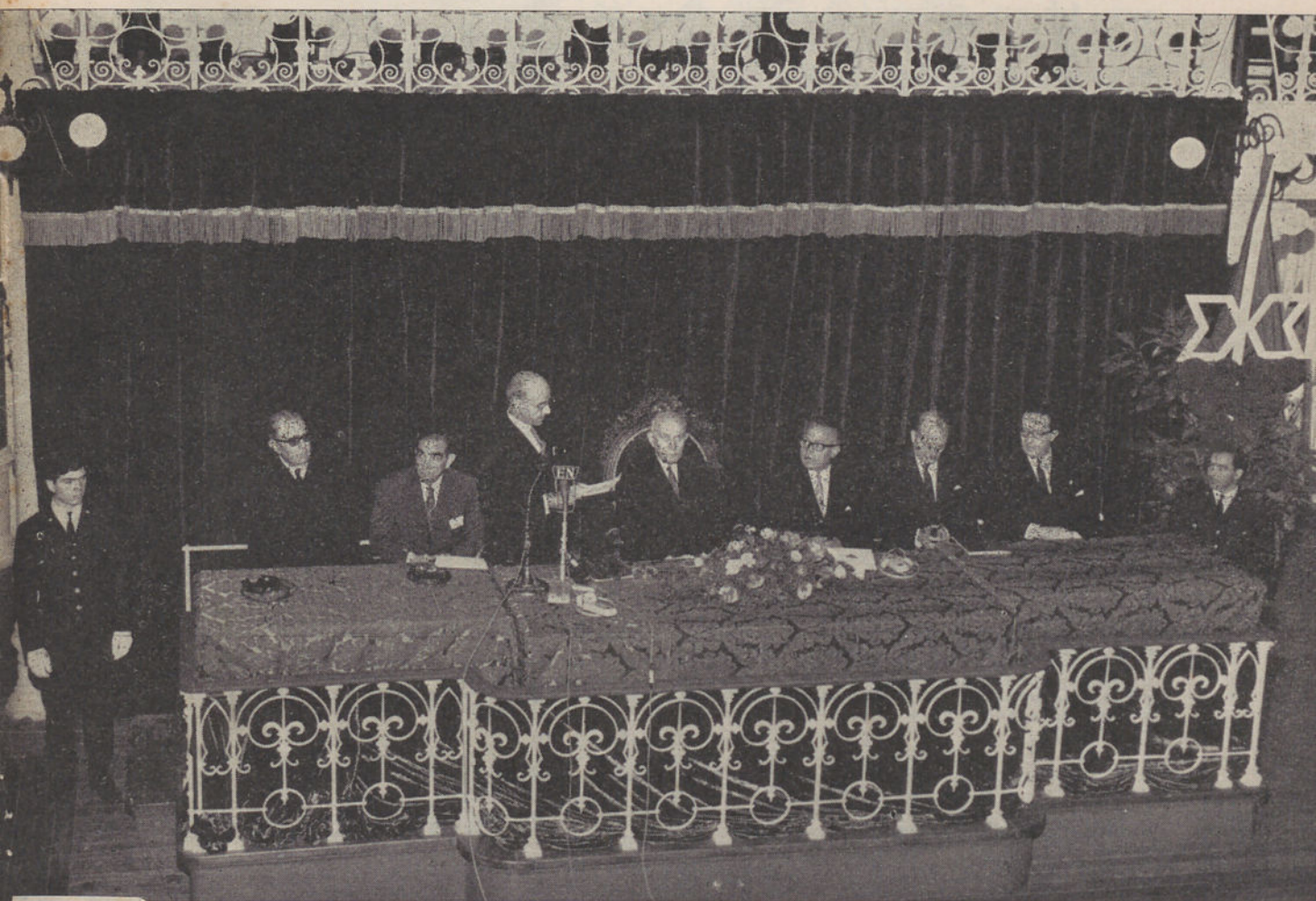


Gazeta das Aldeias

N.º 2552

1 DE OUTUBRO DE 1965



Sala

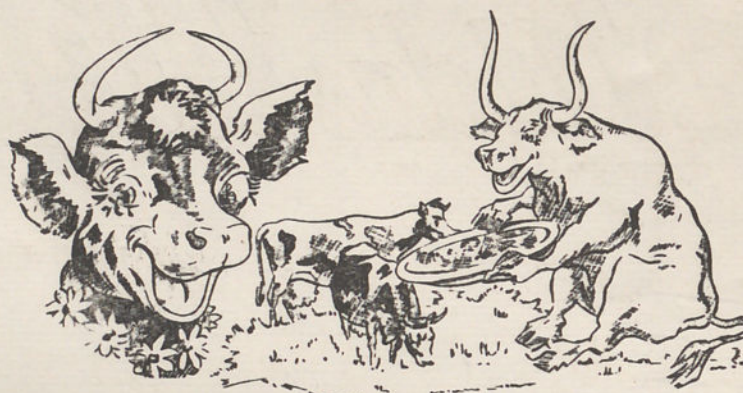
Est.

Tab.

N.º

Alimentos Compostos

M I N E R A L I Z A D O S



V I T A M I N A D O S



SOJAGADO

3609

O êxito da exploração dos animais domésticos, depende, na maior parte, dos cuidados postos com a sua alimentação, que deverá ser convenientemente equilibrada, tanto sob o aspecto da quantidade como da qualidade dos seus componentes.

As farinhas «SOJAGADO» compostas à base de soja, constituem um alimento concentrado que satisfaz completamente as necessidades nutritivas dos animais, havendo uma fórmula para cada espécie e natureza da exploração pecuária.

O seu alto valor em proteínas, hidratos de carbono e sais minerais, em conjugação com a sua riqueza em vitaminas, assegura o melhor resultado em qualquer exploração caseira ou agrícola, esta com ou sem especialização zootécnica.

Reconhecido e demonstrado o valor dos concentrados de soja, vários países estão a adoptar e fomentar este tipo de arraçoamento, que chega a atingir, já hoje, nos Estados Unidos da América, cerca de 70% dos compostos utilizados pelas explorações pecuárias e industriais (comunicação ao Congresso Internacional de Bari).

Também Portugal dispõe já destas farinhas concentradas que tal como no estrangeiro, são igualmente fornecidas em sacos de papel, evitando-se assim os inconvenientes verifi-

cados com sacaria vulgar, principal agente da transmissão de virus ao transitar por zonas infectadas.

As rações compostas «SOJAGADO» substituem vantajosamente os «TOURTEAUX» e as farinhas de grãos vulgares ou farelos, por resultarem duma estudada e racional combinação das qualidades de cada um desses produtos, completadas com a incorporação de certos elementos, em especial minerais e vitaminas, o que lhes aumenta o seu valor nutritivo.

Ministram-se aos animais da forma costumada, identicamente aos produtos semelhantes.

Para o gado leiteiro e bovino (Sojagado n.º 1, 2 e 13) é aconselhável a sua administração em beberagens ou na palhada, onde também é muito bem aceite.

Para o gado suíno (Sojagado n.º 3, 10, 12 e 14) é recomendável humedecer a farinha em água, de preferência amorrecida.

Para os galináceos (Sojagado n.º 4, 5, 6, 7 e 8 deve ser dada seca ou misturada com verduras.

As quantidades a empregar diariamente variam, como se compreende, com a espécie de gado, a idade e a função zootécnica que dele se pretende.

A Soja de Portugal Lda., fornece a todos os interessados as suas publicações instrutivas.

SOJA DE PORTUGAL, LDA.

Fábrica de Alimentos Compostos para Animais

ESCRITÓRIOS: Rua dos Fanqueiros, 38-2.º

Apartado n.º 2692

Telefs.: 323830-327806

LISBOA-2

DELEGAÇÃO DE VENDAS E CONSULTAS TÉCNICAS:

Rua do Almada, 152-4.º

Telef. 36970

PORTO

FÁBRICAS EM OVAR

Apartado 20 — Tel. 52063

AUREOMICINA

CLOROTETRACICLINA

LANÇA-DOSES



Para a prevenção e tratamento da diarreia
e pneumonia dos leitões

A AUREOMICINA LANÇA-DOSES foi criada para uso no controlo da diarreia e pneumonia bacterianas dos leitões. É uma fórmula especial, semi-sólida, de AUREOMICINA, clorotetraciclina, em óleo, completamente misturada e pronta para uso.



A administração faz-se pela boca. A seringa especial de matéria plástica, não recuperável, dentro da qual se encontra o medicamento, tem uma ponta branda de plástico que não pode lesar a boca do báculo. Cada seringa de 10 doses (10 cc) contém 500 mg de AUREOMICINA, Clorotetraciclina — 50 mg por cc. O êmbolo da seringa está marcado, sendo assim fácil administrar a dosagem correcta.

Coloque-se simplesmente a ponta da seringa na boca do leitão e exerça-se pressão sobre o êmbolo, fazendo-se deslocar até à divisão correspondente.

A fórmula especial do LANÇA-DOSES adere à língua, não escorre para fora da boca, não se perde, nem passa para os pulmões por forma a poder causar pneumonia.

A dosagem recomendada é de 1 dose (1 cc), dos 2 aos 4 dias de idade, repetida 3 dias depois, conforme for necessário.

Fácil de usar: basta colocar a ponta branda da seringa de matéria plástica na boca do leitão e premir o êmbolo até à marca para que saia uma dose do LANÇA-DOSES DE AUREOMICINA.

Estudos do sangue e dos tecidos mostram que os níveis de AUREOMICINA, para um tratamento eficaz, perduram por 3 dias, consecutivamente a uma só dose do LANÇA-DOSES de AUREOMICINA.

Apresentação: Seringa (não recuperável) de 10 cc (10 doses)

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO

Cyanamid International

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E ULTRAMAR

SOCIEDADE FÁRMACÉUTICA ABEGASSIS, S. A. R. L.

R. Conde Redondo, 64-LISBOA • R. Santo António, 15-3.-PORTO

• Marca Registrada

CYANAMID

3211

DESINFECTANTES DE SEMENTES

"SCHERING"

TUBAVIT

desinfectante especial para trigo com 12% de Hexaclorobenzeno

ABAVIT-NEU

1,7% de Mercúrio, em combinação orgânica

2891

Distribuidores Exclusivos:

AGUIAR & MELLO, L.^{DA}
Praça do Município, 13-1.º — LISBOA



Atomizadores de dorso leves e robustos

COM MOTOR DE 3 C. V. — 70 C. C.
para *Atomização, Polvilhação*
e *Lança chamas*



Podem ser montados com bocal duplo para duas saídas, e bomba de elevação com tubo de prolongamento para tratamento de árvores e ramadas altas

Agência Geral Gutbrod

Rua de José Falcão, 152-156
Telefs.: 20947 / 20948 — PORTO

Gutbrod

Motorcultivadores para ceifar ervas, cereais e mato

próprios também para *Sachar, Cavar vinhas*
e *pomares, Abrir regos, Pulverizar,*
Transportar, etc.

MOTORES DE:

8781

4 C. V.

6 C. V.

10 C. V.

a tractol e a gasóleo



Gutbrod

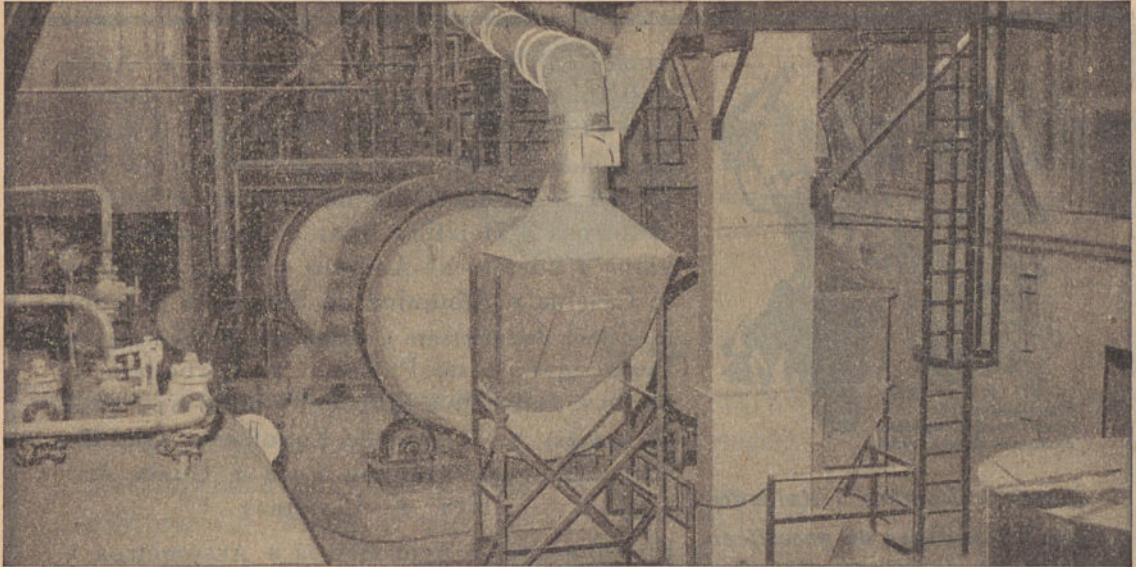


Para **maquinaria enológica**, recorra a um
fornecedor especializado...

acal — Avenida Rodrigues de Freitas, 68 — PORTO

está nas condições.

4048



Senhor Lavrador

Prefira os Adubos Compostos CUF

— Garantia de boas colheitas —

— Na adubação de inverno da **vinha e olival:**

	Azoto (N)	Fósforo (P ₂ O ₅)	Potássio (K ₂ O)
FOSKAMONIO 111	10 0/0	10 0/0	10 0/0
FOSKAMONIO 122	7 0/0	14 0/0	14 0/0
FOSKAMONIO 222	15 0/0	15 0/0	15 0/0

— Na adubação de sementeira da **batata:**

FOSKAMONIO 111	10 0/0	10 0/0	10 0/0
FOSKAMONIO 112	7 0/0	7 0/0	14 0/0
FOSKAMONIO 122	7 0/0	14 0/0	14 0/0
FOSKAMONIO 222	15 0/0	15 0/0	15 0/0

Utilize os adubos nacionais especialmente estudados para os solos e culturas nacionais



Companhia União Fabril

LISBOA—Avenida Infante Santo, 2 • PORTO—Rua do Bolhão, 192

Depósitos e Revendedores em todo o País



*Filtros * Bombas * Rolhadores * Máquinas de gaseificar * Máquinas de encher * Saturadoras * Mangueiras de borracha e de plástico, etc., etc.*

Ácido Cítrico * Ácido Tartárico * Ácido Ascórbico * Sorbato de Potássio * Metatartárico * Carvão «Actibon» * Taninos «Dyewood» (os melhores à venda em Portugal) * Anidrido Sulfuroso * Metabisulfito de Potássio * Solução Sulfurosa * Gelatina Spar * Bentonite «Volklay» * Fosfato de Amónio * Barro Espanhol * Caseína * Albumina de Sangue * Calgonit (o melhor desinfetante e descolorante de vasilhas) * Permanganato de Potássio * Carbonato de Sódio * Actisolar * Emboçol * Bono-Suif (Mastic francês) * Mechas de Enxofre * Glutofix (cola para rótulo) * Goma Laca * Goma Arábica * Parafinas

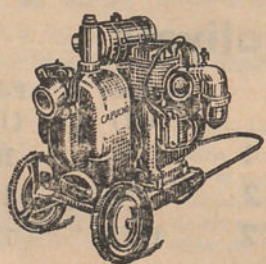
Ebuliómetros * Acidímetros * Areómetros * Glucómetros * Mostímetros * Alcoómetros * Termómetros * Vinómetros * Buretas * Provetas * Balões * Copos * Reagentes, etc., etc.

Sociedade de Representações Guipeimar, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º
PORTO

Telefs. 28093
35173

3876



GRUPOS MOTO-BOMBA
"CAPUCHO"

EQUIPADOS COM MOTOR A GAZOLINA.
PETRÓLEO OUGASOLEO

CASA CAPUCHO

LISBOA - RUA DE S. PAULO, 113-129
PORTO - RUA MOUS. DA SILVEIRA, 139-143

4086

Aos Agricultores

4144

Informa-se estar à venda o 7.º volume (1965) da Enciclopédia de Agricultura, Pecuária e Máquinas

«Simposium Agro-Pecuário»

publicação inédita e de grande interesse para todos quantos estão ligados à lavoura.

À VENDA NAS BOAS LIVRARIAS DO PAÍS
ou pedidos para Rua António Pereira Carrilho, 38-2.º — Telef. 44641-735492 em LISBOA.

Alguns Produtos



ao Serviço da Lavoura

Adubos Orgânicos

(Guanos, Purgueiras e Correctivo)

Para todas as culturas. Particularmente apreciáveis na cultura da vinha e nas de regadio.

Adubos Químico- -Orgânicos

Para Cereais, Batata, Milho, Vinhas e Árvores de Fruto.

Fostato Thomas

O adubo fosfatado ideal para os terrenos ácidos, que constituem 85% dos terrenos portugueses.

Adubos Complexos

Adubos químicos granulados de elevadíssimo valor fertilizante.

Cuprifer

Desinfectante de sementes a seco.

Acridion

Desinfectante de celeiros e estábulos.

A-Mur

Raticida bioquímico de óptimos resultados.

Sementes de Forragens e outras

Bersim, tremocilha, luzerna, etc.

Farinhas para Animais

Alimentos mineralizados, vitamizados e com antibióticos, de elevado valor proteico e facilmente assimiláveis.

.....
IRPAL é marca de qualidade
.....

Dirigir pedidos e solicitar informações a:

IRPAL

1970

Indústrias Reunidas de Produtos para a Agricultura (S. A. R. L.)

Travessa do Almada, 20-2.º-Esq. — LISBOA — Tel.: 869167 e 869168

VINDIMAS

Srs. Vinicultores:

tenho para entrega imediata e aos melhores preços do mercado:

vasilhas), Leveduras Seleccionadas, Mastic Francês, Mechas de Enxofre em pastilhas, Metabissulfito de Potássio em cristais, pó e pastilhas, Parafina Refinada, Permanganato de Potássio, Sêbo de empostigar, Solução de Anidrido Sulfuroso a 6%, Trosilina Bayer, **ENOTANINO APPERT**, o Tanino mais puro existente no mercado, Tanino puro pelo álcool, etc., etc., bem assim: Aparelhos de Laboratório **DUJARDIN-SALERON E HEBEL** (Glucómetros, Mostímetros, Pesa-mostos, Termómetros de Fermentação para Lagar, etc.), Filtros, Bombas de Trasfega, Amiantos, Placas e todo o Material da consagrada marca **SEITZ-WERKE**.

PEDIDOS A:

António G. Pinto de Freitas

Rua Saraiva de Carvalho, 41 a 47 — PORTO. — Telefones: 27350 e 36712

4133

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, e pele é refrescada e aliviada. Os alvíos começam. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, erupções ou ardência no pele.

A venda em todas as farmácias e drogarías

**VICENTE RIBEIRO & CARVALHO
DA FONSECA, LIMITADA**

RUA DA PRATA 237 — LISBOA



com
SOREXA
os RATOS morrem
satisfeitos!

SOREXA

O melhor exterminador
à base de Warfarin
Não é venenoso

de venda nas boas casas

O melhor resultado nas capoeiras e celeiros
DISTRIBUIDORES: J. KENDALL, LDA.
Rua Formosa, 386 — PORTO

4142

GADO BOVINO LEITEIRO
MANUAL DO PROGRAMA COORDENADO



PROGRAMA
COORDENADO

AVES DE CAPOEIRA
MANUAL DO PROGRAMA COORDENADO



PROGRAMA
COORDENADO

PORCOS

MANUAL DO PROGRAMA COORDENADO



PROGRAMA
COORDENADO

**PROGRAMA
COORDENADO**

* Marca Registrada

CYANAMID

CYANAMID INTERNATIONAL
U. S. A.
DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

Sociedade Farmacêutica Abecassis, S.A.R.L
RUA CONDE REDONDO, 64 — LISBOA — TELEFONE 73 69 51

**GUIAS COMPLETOS PARA
AUMENTAR A PRODUÇÃO
NA CRIAÇÃO DE AVES,
SUÍNOS E GADO LEITEIRO**

Solicite ao representante em Portugal da CYANAMID INTERNATIONAL os exemplares gratuitos dos «MANUAIS DO PROGRAMA COORDENADO DE ALIMENTAÇÃO E SAÚDE» para AVES, SUÍNOS E GADO LEITEIRO.

Estes manuais estão cheios de ideias práticas que o ajudarão a ganhar mais dinheiro. Estas recomendações são apresentadas em programas fáceis de realizar passo a passo. Cada programa começa com a criação e cuidados a ter com os animais, e termina com o combate às doenças. Mostra-lhe o que deve fazer em cada etapa da criação, a fim de obter os maiores rendimentos possíveis.

Anos de estudos demonstraram que V. pode produzir mais carne, leite e ovos com menos despesas, seguindo os programas descritos nestes manuais. Eles indicar-lhe-ão como poderá aumentar a produção, combatendo as doenças dos seus animais. Em cada programa combinam-se as técnicas científicas mais avançadas com a administração de:

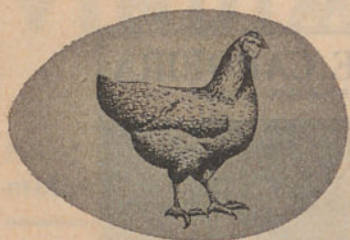
1.º — AUROFAC suplemento alimentar que contém o antibiótico AUREOMICINA — clorotetraciclina.

2.º — As vacinas e medicamentos CYANAMID de eficácia comprovada. Aprese-se a obter os exemplares destes folhetos antes que se esgotem.

3243

Karswood

POULTRY SPICE



Estimulante e Complemento alimentar para **Galinhas, Patos, Perús e Faisões**

- Estimula naturalmente o desenvolvimento
- Predispõe para um mais rápido aumento de peso
- Aumenta a postura

— Devido ao equilíbrio das substâncias minerais que contém:

- Melhora a fertilidade dos ovos
- Provoca o desenvolvimento dos embriões
- Mantém altas percentagens de eclosão
- Acelera a muda da pena

— Muito apetecido devido a ser muito aromático

— Um pacote de 453 g é suficiente para 20 galinhas poedeiras durante 32 dias

PACOTES de 453 g = 14\$00
LATA S de 3,180 g = 85\$00

4141



Um produto de: *Nicholas A. & V., Limited* — Inglaterra

Representantes em Portugal: **F. Lima & C.a Suc, L.da** Telef. 44737-45515
Avenida Fontes Pereira de Melo, 17-4.º — LISBOA-1

H. KLEIN, L.^{DA}

Sucessores da casa H. KLEIN — fundada em 1894

Produtos Enológicos — Taninos, gelatinas, produtos especiais para o tratamento, melhoramento e clarificação de vinhos.

Derivados de Mosto de Uva do Douro — Mosto esterilizado, Mosto concentrado, Mosto torrado.

Carvões vegetais activos — Para Enologia, Indústria açucareira, Indústria química.

Rua da Montanha, 177 — Vila Nova de Gaia
Telef. 390141 — Telegr. NIELK

1893

*O Caminho de Ferro
é o transporte ideal,
pois é seguro, rápido
prático e económico.*

4593

SEMENTES

ALÍPIO DIAS & IRMÃO recomendam aos seus Amigos e Clientes, que nesta época devem semear as seguintes variedades:

Alfices, Beterrabas, Cenouras, Couves diversas: Couve flor, Bróculo, Repolho, Penco de Chaves, Penco de Mirandela, Penco da Póvoa, Tronchuda, Espinafres, Nabos de diferentes variedades, Rabanetes, assim como: Azevéns, Erva molar, Luzernas, Lawn-grass Ray-grass, Trevos, etc., etc. e ainda uma completa coleção de Flores.

Se deseja SEMEAR E COLHER dê preferência às sementes que com todo o escrúpulo lhe fornece a

“SEMENTEIRA” de Alípio Dias & Irmão

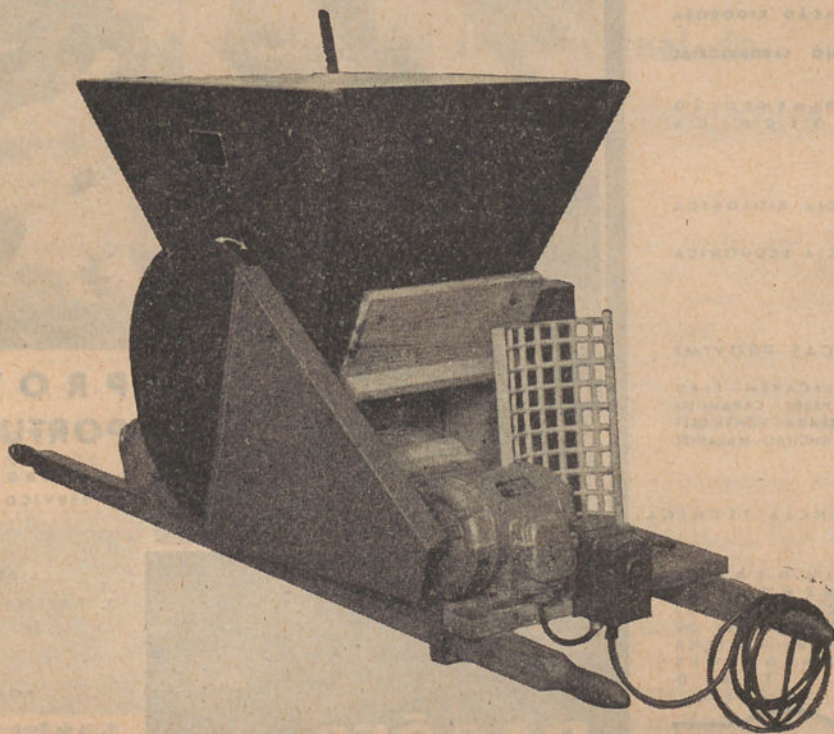
Rua Mousinho da Silveira, 178 — Telefones 27578 e 33715 — PORTO
CATÁLOGO — Se ainda não possui, peça-o
N. B. — Preços especiais para revenda que lhe será enviado gratuitamente

1862



PARA O PEQUENO E MÉDIO VINICULTOR
PARA O FABRICO DE VINHOS DE QUALIDADE

ESMAGADOR-DESENGAÇADOR



- * *Eliminação absoluta de todos os contactos metálicos indesejáveis.*
- * *Eliminação quase total da mão de obra.*
- * *Praticamente isento de avarias.*
- * *Elevado rendimento (2.500 a 3.000 kgs./hora).*
- * *Baixa potência (motor eléctrico de 1,5 cv).*

3989

Agência Comercial de Anilinas, Lda.

SECÇÃO AGRICOLA — Avenida Rodrigues de Freitas, 68 // Telef. 55161 // PORTO

PROVIMI

RAÇÕES E CONCENTRADOS

GALINÁCEOS (GEN. GALLUS)
PALMÍPEDES - PERUS
FAISÕES - CODORNIZES
COELHOS - CHINCHILAS
EQUÍDEOS - BOVINOS
OVINOS - SUÍNOS

FORMULAÇÃO CORRECTA

LABORAÇÃO RIGOROSA

CONTROLO LABORATORIAL

EXPERIMENTAÇÃO
ZOOTÉCNICA

EFICÁCIA BIOLÓGICA

EFICÁCIA ECONÓMICA

FÁBRICAS PROVIMI

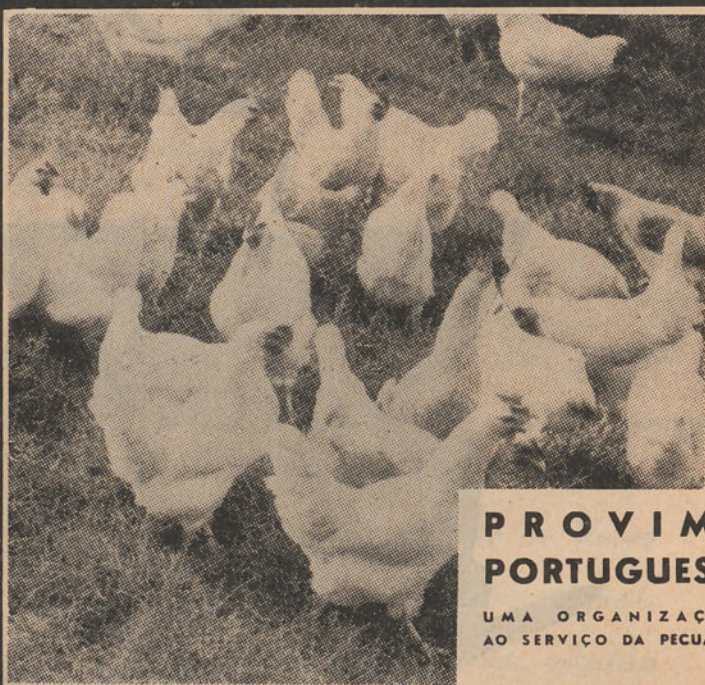
PAIÀ - SACAVÉM - FARO
CASTRO VERDE - CARAMULO
OVAR - BRAGA - PONTA DEL-
GADA - FUNCHAL - MALANGE

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

ALOJAMENTOS
ALIMENTAÇÃO
TÉCNICAS DE EXPLO-
RAÇÃO - NORMAS DE
CRIAÇÃO - HIGIENE
DAS PRODUÇÕES
G E S T Ã O



SÍMBOLO DE PRESTÍGIO MUNDIAL



PROVIMI PORTUGUESA

UMA ORGANIZAÇÃO
AO SERVIÇO DA PECUÁRIA

LISBOA

R. Filipe Folque, 2, 2.º
Tel. 42111

PORTO

R. Sã da Bandeira, 746, 2.º-Dto.
Tel. 30869

RAÇÕES E CONCENTRADOS

DISTRIBUIDORES EM TODO O PAÍS

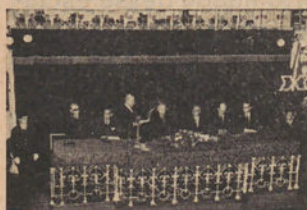
SUMÁRIO

A Reunião Internacional de Arquitectura paisagista e o Gerês	721
Mas só?!... — Prof. C. M. Baeta Neves	722
O apiário em Outubro	725
Psicosociologia Rural—Eng. Agrónomo G. Santa Ritta	726
A bela arte dos jardins—Os jardins do passado—Regente Florestal Horácio Eliseu	729
Como reduzir os perigos dos pesticidas para a vida animal e vegetal—Eng. Agrónomo Célia Teixeira de Figueiredo	733
A Pereira—Eng. Silvicultor Joaquim Abrantes Zenhas	735
Apontamento de uma viagem—Dos lago de Plitvice a Zadar—Eng. Silvicultor Maximino Alvarez	739
Informações úteis	742
Novas perspectivas para a produção do leite—Eng. Agrónomo Simões Pontes	743
Trabalhos em Outubro	748
Caça e Pesca—Casa onde não há pão ..—Almeida Coquet	751
Novas perspectivas na conservação dos frutos	753
Mirante—Toiros—Conde d'Aurora	755

SERVIÇO DE CONSULTAS

—Leitaria	756
—Medicina Veterinária	756
—Direito Rural	758
Informações	759

A NOSSA CAPA



O Sr. Secretário de Estado da Agricultura falando na Sessão Solene d' abertura do XI Congresso Internacional da Vinha e do Vinho, presidida por Sua Excelência o Presidente da República

ASSINATURAS

Ano	100\$00
Semestre	55\$00
Número avulso	5\$00
Estrangeiro (Exceção Espanha) — mais	50 %

Visado pela Comissão de Censura

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Júlio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR
AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrónomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) • Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66—PORTO
Telegrams: GAZETA DAS ALDEIAS—PORTO • Telefones: 25651 e 25652

Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º—PORTO

A Reunião Internacional de Arquitectura paisagista e o Gerês

MAIS uma manifestação internacional de transcendente significado se acaba de realizar no nosso país. Referimo-nos à *reunião internacional dos Arquitectos paisagistas* que trouxe até nós o escol da arquitectura paisagista dos cinco continentes. Oportunidade única que com tão boa visão soubemos aproveitar, dando a conhecer o encanto da paisagem portuguesa na sua tão rica diversidade.

A técnicos, sobejamente conhecidos no mundo da arte, foi dado apreciar um «Gerês» que a todos surpreendeu e encantou, pela rusticidade dos seus relevos abruptos e violentos, pela variedade da sua flora espontânea, pelas florestas primitivas, que, resistindo aos poderes destruidores dos séculos, se conservaram para nosso regalo e prazer.

Grandes atractivos e pequenos nada fazem dela uma serra reconfortante para o homem cansado do dia a dia, — cada vez mais buliçoso, mais esgotante, automatizado e vivido a jacto.

E esse remédio salutar, com que a natureza nos fadou, desbobinou-se em toda a sua grandeza esmagadora aos olhos de: suecos e franceses; ingleses e israelitas; japoneses e holandeses; espanhóis e americanos; alemães e austríacos; etc., etc. — um mundo da ciência paisagista — impondo-se a ponto de merecer os mais calorosos elogios e as mais agradáveis comparações.

Que esta visita, que muito nos orgulha, possa servir o progresso do Gerês, que parece quereremos esquecer; o progresso duma região que se impôs a estrangeiros, verdadeiramente conhecedores do belo, mas que nós



Mas só?!... (II)

Pelo
PROF. CARLOS MANUEL BAETA NEVES
Engenheiro Silvicultor

O problema dos fogos florestais tomou ultimamente uma tal acuidade que ninguém se pode surpreender com o interesse que desperte entre aqueles, como o autor, cuja profissão os obriga a considerá-lo como um dos principais problemas da sua competência e cuja responsabilidade da solução mais directamente lhes cabe.

Esse interesse, no meu caso, já foi manifestado mais que uma vez nesta revista, e só por circunstâncias estranhas à própria vontade é que me vi forçado a interromper os artigos a seu propósito.

Suspensa porém a razão de ser de tal atitude e perante essa acuidade julgo ser uma obrigação voltar ao assunto, agora com reforçado entusiasmo e maior conhecimento de causa resultantes da aprendizagem feita durante mais de dois anos em que estudei o problema como membro do «Grupo de trabalho dos incêndios florestais».

Tal obrigação foi criada por mim próprio ao declarar em carta publicada nesta «Gazeta», no início dos trabalhos do «Grupo», que viria a dar as satisfações públicas que mais tarde julgasse indispensáveis.

Não permitem contudo as circunstâncias que tais satisfações sejam dadas como eu desejava, por não estarem ainda

teimamos em não querer mostrar, fazer progredir e valorizar.

Que o turismo, essa potente indústria dos nossos dias o não continue a desprezar, ignorando das suas necessidades de infra-estrutura, já que a Natureza tão bem o serviu, fazendo-o Mestre de botânicos e naturalistas; geólogos e silvicultores; arquitectos e paisagistas.



Representação alegórica do «Fogo» no Jardim do Bispo de Viseu

perfeitamente bem esclarecidos certos aspectos, aliás fundamentais, do problema.

Este artigo tem assim limitações que me obrigam a adiar ainda para mais tarde tudo quanto a propósito de fogos florestais em Portugal importa e tem de vir a ser dito; mas a oportunidade desse esclarecimento completo ainda não chegou, mantendo-se como se mantém a mesma orientação na forma como são encarados, a determinado nível, problemas técnicos da projecção nacional e delicadeza política deste outro.

...

O problema dos fogos florestais no nosso País tem aspectos comuns ao de outros países, nomeadamente circunmediterrânicos, e aspectos particulares; uns e outros deveriam ser estudados em pormenor, sem o que não é possível saber até onde a sua experiência pode ser aproveitada, e quando começa a ser indispensável encontrar soluções diferentes em relação a esses aspectos particulares do caso português.

A bibliografia nacional sobre o assunto

é escassíssima e a pouca que existe não satisfaz de forma nenhuma as necessidades de qualquer técnico para poder estudar o problema com a profundidade indispensável, ou para se preparar apenas com o objectivo prático de saber orientar o combate aos incêndios florestais.

Aparte alguns trabalhos mais pormenorizados em relação às áreas arborizadas do Estado, cuja administração está a cargo da Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, áreas que no total não chegam a 10% de toda a área arborizada do País, aqueles que se referem aos 90% de particulares não passam de artigos de mera divulgação, e em pequeno número.

Pode assim dizer-se que em Portugal o problema dos fogos florestais não foi ainda estudado para além dos limites que mais directamente interessam aquela Direcção Geral, como administradora das Matas Nacionais; só o «Grupo de trabalho» o começou a fazer em relação a todo o País, mas como não chegou ao fim da missão a que se propunha, também desta vez aquele objectivo não pôde ser totalmente atingido.

Tal situação não é contudo tão surpreendente como pode parecer à primeira vista, uma vez que também não existe no nosso País um único Engenheiro Silvicultor especializado em tão importante sector da «Protecção florestal», apesar de duas ou três tentativas feitas nesse sentido, nomeadamente por Belo Dias; e como no Instituto Superior de Agronomia, no curso respectivo, se não dá uma palavra sobre essa matéria, pode-se afirmar que na luta contra os fogos florestais ainda não se passou entre nós do simples amorismo, se bem que a experiência vivida por muitos possa ter dado grandes e úteis ensinamentos a quem soube aproveitá-la.

Os Bombeiros, preparados para combater fogos urbanos, também se encontram em igual situação quando em presença de um incêndio florestal, embora possam ter bons conhecimentos gerais e

uma prática que não deixará de tornar a sua colaboração sempre muito útil, embora às vezes não tão eficiente como seria para desejar.

Os militares e os populares, que obri-



Estrada florestal onde morreu o fogo do Perimetro florestal do Rabadão (Goes), vindo dos lados do Colmeal (Agosto, 1965)

gatória ou voluntariamente ocorrem a ajudar a apagar o fogo, são mais uns tantos cuja heroicidade excede na maior parte das vezes a competência, ou mesmo a consciência, que não possuem, nem podem possuir, do papel a desempenhar quando enquadrados no conjunto daqueles que tão dedicada e desinteressadamente se lançam a tão arriscada e fatigante tarefa.

A agravar este aspecto do problema entre nós está ainda a falta de material para combate a incêndios; à parte uns tantos casos raros, em áreas dos Serviços Florestais, ou em relação a algumas Corporações de Bombeiros, o apetrechamento de que se pode dispor não vai além do improvisado ou de um número insuficiente de ferramenta adequada. Tudo quanto ultrapassa um certo limite, e exactamente o que mais pode interessar no caso florestal, praticamente não existe, ou se existe não conta quando considerada toda a área arborizada do País.

Mas se em vez de pensarmos na luta contra o fogo e nos recursos de que se dispõe, em conhecimentos especializa-

dos, pessoal e material, pensarmos nas medidas a tomar para evitar os incêndios ou tentar reduzi-los em extensão e intensidade, tudo quanto diga respeito ao ensino e divulgação a fazer a seu propósito e à orientação técnica da exploração florestal das propriedades particulares (mais de 90 o/o da área arborizada do País, não se esqueça o leitor), então o panorama ainda é mais desolador. Sendo o «Ordenamento» a base dessa exploração feita em moldes técnicos, e no qual estão englobadas certas medidas com esse objectivo de profilaxia dos fogos, basta dizer que nem sequer todas as matas do Estado estão ordenadas e que são raríssimas aquelas de particulares em tais condições.

Se considerarmos agora, dentro dos aspectos fundamentais do problema dos fogos entre nós, as vias de comunicação e a electrificação rural nas suas relações com as possibilidades da luta contra os mesmos, o panorama nalguns casos toma ainda aspectos mais graves, pela ausência ou modéstia dos recursos próprios de que



Estrada florestal onde morreu o fogo do Perímetro florestal do Rabadão vindo dos lados de Celaviso (Agosto, 1965)

se pode dispor para que essa luta possa ser tão eficiente quanto é necessária.

Na vasta zona de pinhal na bacia do Zézere (regiões da Certã e Oleiros) só agora, segundo me consta, se estão a abrir alguns caminhos que tornem transitável a

um qualquer veículo motorizado vastíssimas áreas quase inacessíveis, e onde portanto os fogos dificilmente podiam ser combatidos com outros recursos para além daqueles de que dispuzessem as populações locais.

É certo que helicópteros ou hidros, estes últimos utilizando as barragens próximas, podiam compensar em parte essa dificuldade de acesso, mas essas são, infelizmente, soluções que transcendem em muito a simples aceitação, mesmo só em teoria, de quem possa depender as resoluções a tomar para serem prontamente adoptadas.

Quanto à electricidade basta lembrar que no concelho de Figueiró dos Vinhos, uma zona tão densamente arborizada e onde nos últimos anos os fogos causaram tão graves prejuízos, só a sede do concelho dispõe dessa banalidade da civilização actual...

Além destes aspectos, fundamentais aliás, abordados neste artigo, outros haveria que bem mereciam ser incluídos nas considerações que a propósito de incêndios florestais me propus fazer.

Durante o tempo em que o «Grupo de trabalho» existiu, trabalhou e eu fiz parte dele, todos estes assuntos foram apreciados com um realismo, imparcialidade e espírito construtivo como ainda não me tinha sido dado apreciar em nenhuma outra oportunidade idêntica; o problema dos fogos em Portugal foi assim revisto por esse «Grupo» com o mais sincero desejo de chegar a um fim útil, e não apenas a uma aparência sem qualquer interesse para poder ser atingida a sua verdadeira solução, ou para, pelo menos, nos aproximarmos dela tanto quanto fosse possível nas circunstâncias actuais.

Por minha parte apresentei no mesmo um relatório sobre uma «Campanha educacional», relatório que está em publicação no «Agros»; poderá assim qualquer vir a apreciar como me desempenhei da

missão de que fui encarregado pelo Ministério da Educação Nacional, que representava nesse «Grupo».

Podia limitar-me ao papel consequente, e dar por finda a luta em que tanto me empenhei para que o problema de fogos florestais em Portugal seja estudado com a profundidade e amplitude indispensáveis, sem o que nada é possível vir a fazer de verdadeiramente útil para ser alcançada sua melhor solução; mas perante a situação criada pelas circunstâncias, não me parece justo, longe como está ainda esse objectivo, apesar do muito que o «Grupo de trabalho» fez em tal sentido, satisfazer-me com o cumprimento da missão especial que me competia neste último.

Para além dela está aquela outra que cabe a qualquer Engenheiro Silvicultor, obrigação da sua finalidade e ética profissionais, que o silêncio atraçoaria; por muito que as chamas possam esaldar quem delas se aproxime, por muito que possa sufocar o fumo e por muito que custe a sofrer a sede, quem se dedica à luta contra os fogos florestais não pode amedrontar-se

com tais sofrimentos sem risco de deixar arder tudo à sua volta, e até ele próprio vir a ser apanhado pelas chamas.

O momento crítico que a Silvicultura portuguesa atravessa, vendo reduzir-se a



«Linha de fogo» aberta para suster o fogo anterior

cinzas parte do seu esforço, as consequências económicas e sociais resultantes, têm importância suficiente para justificar o grito de alarme que é necessário fazer ecoar bem alto, onde possa ser ouvido com o interesse que merece.

O apiário em Outubro

Com o fim da época da safra tem que se cuidar da alimentação das abelhas, passando a inspeccionar as colmeias de forma a avaliar das suas disponibilidades. Aquelas que se considerarem mal abastecidas devem ser alimentadas artificialmente de forma a garantir a vida dos enxames.

Do exame das colmeias podem-se também tirar indicações sobre a conveniência de reunir enxames órfãos ou débeis.

Os frios do Inverno aconselham, na-

quelas regiões de clima mais áspero, a proteger as colmeias. Para isso convém colocar sobre as pranchetas normais, que cobrem o corpo da colmeia, esteiras de palha ou alguns jornais dobrados, que funcionam como isolamento, mantendo um pouco mais de calor.

Aproveitar este período para as necessárias reparações, pinturas de colmeias, etc..

Propagar e difundir a «Gazeta das Aldeias» é um dever que se impõe aos que da Terra vivem.

PSICOSOCIOLOGIA RURAL

Por G. SANTA RITTA
Eng. Agrônomo

TEM sido necessária uma intensa e persistente luta para impor às gentes do nosso tempo a convicção de que os problemas rurais são *fundamentalmente* problemas psicológicos e pedagógicos.

Tem sido uma batalhã muito árdua e tanto mais árdua quanto mais necessitados são os países em que ela se desencadeia de um avanço psicossociológico que lhes permita ultrapassar as barreiras económicas, sociais, institucionais e técnicas que se opõem ao desenvolvimento.

Batalha sem frente, em que o franco-atirador, isolado, perdido no meio da turba que o acossa e apupa, não dispõe de meios de luta, de armas, de ferramentas e conta apenas com a força do seu pulso e a rijeza do seu ânimo. E quando já desiludido e quase vencido pelo cansaço, vê triunfar a força irresistível das ideias novas, vê também guindados a seus campiões aqueles que delas escarneciam.

Mas os conceitos impõem-se, e isso é que é importante e consolador, nada valendo lamentações por tal não ter acontecido mais cedo, ou por a cada um de nós, pessoalmente, não ter sido possível utilizar os meios de trabalho indispensáveis para seguir o caminho certo. Esta lamentação, que à laia de exórdio, nos habituamos a fazer sempre que nos lançamos à procura do tempo perdido, é, no fundo, ainda um resto do individualismo que foi responsável por tantos malefícios (entre os quais aqueles que lamentamos) e que nos leva, senão a imaginarmo-nos o umbigo do Mundo, pelo menos a pensar que o nosso humilde esforço teve ou poderia ter tido mais valor do que o de ínfima

molécula cujo dever é fazer parte do Cosmos. *Mea culpa!*

Atenuado assim um réstio de bilis que extravasou e este voto de humildade fez reduzir às suas proporções, entreguei-me tranquilamente à leitura dum estudo de Guy-José Bretonès sobre *Problemas psicossociológicos da pedagogia rural* publicado num dos últimos números de «Sociologia Ruralis», e cujo alcance é extraordinariamente profundo. Só uma tradução completa permitiria avaliar integralmente o interesse do trabalho. Como não é possível dar aqui essa tradução, que seria incomportavelmente extensa, procurarei hoje fazer uma breve síntese; penso poder, em breve, dar noutra local, conhecimento do texto completo em português.

O texto, segundo o próprio resumo do autor, traça as grandes linhas duma acção racional em matéria de pedagogia do desenvolvimento em meio rural. A primeira parte evoca os diferentes testes utilizados para medir os níveis de desenvolvimento da personalidade, discute as suas vantagens e inconvenientes em relação aos tipos de população rural estudada, e expõe os métodos que parecem preferíveis. A segunda parte encara o problema da pedagogia do desenvolvimento no quadro dos países em via de desenvolvimento e a função predominante que ela deve desempenhar, desde que assente no conhecimento profundo da situação psicossociológica e em métodos de trabalho adequados.

As observações preliminares sobre os dados do problema são bastante elucidativas.

Segundo elas, os estudos da economia

social dos países em via de desenvolvimento, pôs em evidência que as condições da *cooperação técnica* prestada pelas organizações internacionais ou bilaterais devem modificar-se tanto no campo das prioridades como na própria concepção dessa assistência.

Esses estudos permitiram verificar que a maioria dos consideráveis investimentos efectuados permaneciam em geral improdutivos em relação à melhoria do condicionalismo da massa rural. Por um lado, porque esta não possuía equipamento intelectual suficiente para aproveitar as melhorias comunitárias ou de infra-estrutura, ou mesmo as simplesmente técnicas; por outro lado, porque a motivação dos conhecimentos não se baseava na estrutura psicológica fundamental do camponês e não se dirigia portanto à sua visão global e pessoal dos problemas.

A noção de *equipamento intelectual*, de aquisição de conhecimentos simples mas fundamentais, surge, não como o corolário duma acção de investimento material, mas como a condição absoluta de êxito, senão da própria rendabilidade do investimento.

Parecerá supérflua uma tal afirmação, mas a história da cooperação técnica internacional dos últimos 15 anos demonstra que esta verdade elementar não está ainda completamente aceite, pois são numerosos os projectos (de *desenvolvimento económico*, por exemplo) que não têm um verdadeiro plano de batalha para lutar contra a ignorância.

Se a noção de *equipamento intelectual* for bem concebida, deve satisfazer os dois grandes princípios seguintes:

- 1) Proporcionar os conhecimentos imediatamente indispensáveis aos adolescentes e adultos e permitir o estabelecimento dum ensino primário, geral e agrícola correspondendo às necessidades de desenvolvimento.

- 2) Definir as vias psicopedagógicas e os meios didáticos necessários para captar o interesse dos camponeses, adaptando-se, portanto, à sua forma de inteligência.

Trata-se dum dos problemas mais difíceis: o de captar as potencialidades intelectuais duma população dominada pelos

elementos naturais e não tendo (mesmo na maior parte dos países europeus) o mesmo sistema de referência de conhecimentos, apreciações e comparações que a população das sociedades urbanas.

Poderá parecer, realmente, elementar, esta exposição do pedagogo francês sobre um problema que parece saltar à vista. No entanto, como ele afirma, trata-se dum *problema de potencialidade intelectual situado numa perspectiva de desenvolvimento económico e social* que sugere observações psicológicas de alcance excepcional.

As lacunas do ensino e formação geral e profissional dos meios rurais, os profundos erros psicológicos cometidos na administração, na assistência técnica, na organização económica, social, cultural, recreativa das comunidades agrícolas, submetidas, desde há muito a uma verdadeira discriminação psicológica expressa por um paternalismo intelectual que não será dos factores que menos contribuem para as crises e depressões da agricultura, para o êxodo e a excessiva mobilidade geográfica e profissional, tudo isso são realidades inofismáveis, que não têm sido, porém tomadas na devida conta e que as observações de Bretonês plenamente confirmam. Como conclusão do seu trabalho, ele reafirma que o estudo psicológico é a base indispensável do conhecimento do meio e de toda a acção de desenvolvimento rural. Sem abordar, nesse trabalho, as motivações fundamentais do camponês (que têm a sua origem nos laços que o unem à terra, às plantas, aos animais, ao seu grupo social) procura definir o modo como o homem-camponês concebe o mundo e obter daí os elementos da indispensável pedagogia do desenvolvimento. Esta pedagogia da educação dos adultos deve penetrar na escola, modificar os seus programas e o seu espírito, para dar lugar a uma instrução e uma educação inteiramente novos.

Pode-se afirmar que a combinação das ciências biológicas e económicas com a psicologia do meio rural, permite elaborar um sistema cultural capaz de fazer evoluir o homem rural, melhorar as suas condições e abri-lo para o Mundo. Será então possível dar aos investimentos intelectuais o conteúdo e a forma desejáveis.

Em contrapartida, os agrónomos, economistas e educadores devem integrar-se nas bases desta pedagogia do desenvolvimento rural, a fim de manter os contactos e possuir a sensibilização necessária para compreender e actuar no âmbito do estabelecimento dum desenvolvimento rural harmonizado com as necessidades do homem.

Estas conclusões, que são, segundo penso, perfeitamente válidas para o nosso País, coadunam-se perfeitamente com as afirmações, que sempre temos feito, acerca do estudo das *mentalidades* em meio rural.

A antropologia cultural é uma ciência maravilhosa, cujas possibilidades têm sido subestimadas na Europa. Creio que a solidão dos conhecimentos que tanto admiramos nos sociólogos americanos, a sua contribuição decisiva para resolver problemas de ordem prática, a firmeza com que encaram os problemas, provêm duma formação antropológica que os habilita a compreender o mundo rural e a actuar junto dele.

Em Portugal, no fim do século passado e princípio do actual, a magnífica florescência das ciências do homem, que tiveram cultores de excepcional estatura, antropologistas, etnólogos, pedagogos, como Rocha Peixoto, Fonseca Cardoso, Leite de Vasconcelos, Adolfo Coelho, e tantos outros, poderia facilmente ter mantido uma tradição cultural que facilitaria a evolução das estruturas rurais e urbanas. Bastaria ter sabido aproveitar e actualizar as bases que nos foram legadas para o conhecimento do povo português. Isso não sucedeu, e o advento dum tecnicismo nem sempre dotado de base cultural e antropológica suficiente, não contou com a colaboração, tão preciosa, das ciências do homem.

Trabalhos tão úteis como o estudo de Adolfo Coelho sobre a pedagogia do povo português ficaram no olvido e o conhecimento da terra portuguesa, sob o ponto de vista humano, ficou truncado. Só mais tarde veio a fazer-se a descoberta da etnografia e do folclore, mas apenas com objectivos pouco relacionados com o conceito antropológico da integração de meio e técnicas, e orientados para a exploração do pitoresco, para fins turísticos ou para a manutenção de estruturas formais.

Há que recuperar agora a paragem verificada e prosseguir numa valorização psicológica indispensável.

As observações psicológicas de Bretonès, relativas ao estudo de base efectuado em França a partir de 1953, tem validade e interesse gerais, e podem ser muito úteis para outros países. Vejamos para terminar, algumas das considerações que ele faz a propósito das investigações psicológicas efectuadas.

O êxodo da juventude rural para as cidades, devido às melhores condições económicas e sociais, a influência dos professores sobre a elite da juventude rural, dirigindo os melhores para o ensino clássico, industrial ou comercial, a acção duma orientação profissional que, à data do início dos inquéritos, mais ainda que actualmente, estava habilitada sobretudo a determinar os valores e aptidões para o ensino comercial ou industrial, todos esses factos constituem o testemunho perigoso duma sociedade desequilibrada, em que a noção de cultura está quase exclusivamente associada a determinada forma de intelecto e ao nível social.

Se, desde há alguns anos, a competição económica caminha a favor dum verdadeiro desenvolvimento económico dos agricultores europeus (e portanto do advento duma elite rural susceptível de abordar os problemas económicos e a organização profissional), a observação mantém-se válida para o conjunto das nações europeias, com muito maior intensidade para os países mediterrânicos.

Os inquéritos efectuados tiveram o fim de estudar (com vista à realização de «investimentos intelectuais») a potencialidade ou o nível intelectual de amostras muito diferentes da população agrícola. O estudo dos problemas humanos sob um ângulo estritamente psicológico põe em relação factores como o nível intelectual, o grau de sensibilidade em função da produção agrícola, da habitação, do clima, do bem-estar material, etc., etc.. O desenvolvimento psicossociológico do homem rural é em grande parte o resultado das inter-acções desses diferentes factores.

O factor que comanda todas as possibilidades de mudança, de condicionamento, na luta socioeconómica é, em

(Conclui na pág. n.º 758)

A Bela Arte dos Jardins

Os jardins do passado

Por HORÁCIO ELISEU
Regente Florestal

(Continuação do n.º 2550, pág. 655)

Os jardins romanos

SOB o Império Romano, a bela Arte dos Jardins gozou de grande prestígio e teve grande expansão.

Poderá aceitar-se que, ao praticá-la, os romanos quase se limitaram a interpretar e a desenvolver os temas criados ou utilizados pelos gregos. Mas é certo que o fizeram com grande contribuição do seu próprio génio, produzindo obras autênticas e muito evoluídas, em que a Arquitectura, a Escultura e a Hidráulica desempenharam papel de grande realce.

O antepassado dos jardins romanos foi o chamado *hortus*, pequeno recinto contíguo às habitações, onde a dona da casa cultivava hortaliças e algumas flores para culto, sob a protecção dos primitivos deuses Penates e Lares.

Os jardins propriamente ditos, desde o início ligados à veneração das forças da Natureza, passaram a associar-se aos novos cultos de Priape, Venus, Flora, Pomona e Afrodite, divindades gregas, aceites pelos romanos como deus e deusas das flores e dos jardins.

Durante o «Período da Realeza», (754-510 a. C.), estes jardins, nem terão sido muito numerosos nem muito expressivos; mas, já para o fim da época, alguns alcançaram fama perdurável. Assim, os de Tarquínio o Antigo, que durante o seu reinado (615-578 a. C.) introduziu no Lácio a cultura helénica. Eram «magníficos», no dizer de Tito-Lívio.

Foi no «Período da República» (510-31 a. C.) que Roma levou a cabo as suas principais conquistas, tornando-se dominadora de todos os povos vizinhos do Mediterrâneo ocidental e oriental. Mas, por caprichoso designio da Providência, a Grécia, esmagada pela força, nos seus territórios, venceu pelo espírito, nos do invasor.

Assim, Roma acrescentou aos seus títulos de grande potência política e militar, os de centro fulgurante da *civilização greco-romana*, que tanto resplandeceu nas Artes, nas Letras e nas Ciências.

Com esta metamorfose, e a grande prosperidade adquirida à custa alheia, os romanos, inicialmente rústicos, logo contraíram hábitos não só de cultura como de luxo e prazer. Ao que acrescentaram entranhado gosto pela Arte dos Jardins, que assim pôde entrar num dos períodos mais fecundos da sua evolução.

Dos progressos alcançados podemos fazer ideia, graças a inúmeros velhos textos descritivos, bem como a ruínas, mosaicos, pinturas e outros testemunhos artísticos, na maior parte devidos ao trabalho dos arqueólogos.

Daqui, sabermos que a composição dos jardins romanos (melhor diríamos: dos jardins greco-romanos) obedeceu a dois tipos principais: o tipo *naturalista*, de inspiração grega; e o tipo *geométrico*, de inspiração tradicional.

Os jardins naturalistas, encontraram o modelo, principalmente, nas pinturas de figuração «paisagista» que, a partir de

certa altura, nas paredes dos teatros, ginásios e outros monumentos gregos, substituíram as de figuração baseada nas aventuras dos deuses e dos heróis nacionais.

Os jardins sagrados e funerários, talvez de início predominantes, julgamos que obedeceram preferencialmente a esta feição idílica. E os mais notáveis ter-se-á querido que sugerissem uma aliciente



Jardim romano de peristilo nas ruínas de Conimbriga

imagem dos «Campos Elisios» que, «no outro mundo», aguardavam os bem-aventurados.

Tais jardins, abrigavam sepulturas túmulares, ou assinaladas com cipos, estátuas dos deuses protectores e, além dos elementos estritamente paisagistas (outeiros, rochedos, grutas, fontes, regatos e vegetação que incluía árvores e bosques sagrados), ostentava santuários, capelas ou simples altares, exedras, pórticos e outros motivos escultóricos e arquitectónicos.

Quanto aos jardins de índole marcadamente profana (embora nunca de todo alheados das crenças reinantes) julgamos que obedeceram mais vulgarmente ao modelo geométrico. É, pelo menos, esta a conclusão do eminente architecto paisagista espanhol F. Garcia Mercandal, ao afirmar:

—O jardim romano «era traçado a cordel, como uma nova cidade,»... «os seus caminhos eram rectos e harmoniosamente distribuídos; por toda a parte, estátuas e tanques de mármore, rodeados por uma vegetação recortada e ordenada».

Vale a pena transcrevermos mais algumas linhas do categorizado autor:—«O jardim romano era obra de architectos, e tudo nele se subordinava à architectura. O architecto da casa romana completava-a traçando os caminhos que partem da mesma, dispondo pórticos em todas as orientações, para gozar do sol e da sombra, enfim, do espectáculo da Natureza, a todas as horas do dia; construía exedras, moldura adequada para conversações; grutas de rocalha, onde os poetas julgavam escutar a voz das Ninfas; e, também, invernadouros; tudo elementos que

veremos reaparecer em jardins de épocas posteriores» (1).

Muitos jardins romanos desta ou de outra índole se salientaram pelo seu esplendor, sobretudo a partir da altura (segunda metade do século II a. C.) em que começaram a ser decorados com as belas estátuas trazidas da Grécia, às centenas, como espólio de guerra. Antes que, transferidos forçada ou voluntariamente para a metrópole romana, os artistas e artífices gregos (se a distinção é legítima) aí passassem a esculpi-las, multiplicando as réplicas das mais cubiçadas.

Poucos anos antes, já os romanos ricos tinham adoptado a moda de mandar construir, em pontos dominantes dos su-

(1) F. Garcia Mercandal — *Parques y Jardines*, Madrid — 1949.

búrbios da capital, luxuosas *vilas*, ou casas de campo, com jardins anexos, donde se disfrutavam soberbas vistas de terra ou de mar.

Para vencer a inclinação do terreno, estes jardins dividiam-se em terraços sobrepostos, oferecendo um novo tipo de composição, provavelmente inspirada nos velhos jardins da Mesopotâmia.

Esta moda assumiu, mais tarde, aspectos de grande requinte, quando alguns romanos se não contentaram com uma só vila, construindo várias, ou pavilhões separados, no mesmo jardim, com diferentes exposições, para aí poderem viver em qualquer estação do ano da maneira mais propícia.

Plínio, um dos possuidores de semelhantes conjuntos, assim se referiu aos seus pavilhões: «*Aquele donde se pode ver o mar de todas as janelas e aquele donde este se pode ouvir sem se ver*»... (1).

Isto deu lugar a nova modalidade de ajardinamento, em que as composições geométricas avizinhavam as construções arquitectónicas, e a composição paisagista preenchia os intervalos.

No século I a. C., próximo do termo do período em que vigorou o regime republicano, nos bairros mais elegantes da capital romana, sobretudo no Pincio, a «Colina dos Jardins», e na margem direita do Tibre, já existiam importantíssimos jardins privados, que tiveram fama e deixaram nome na História da Jardinagem. Citam-se principalmente os de Lúculo, Salústio, Marco António e Júlio César. Todos apresentavam composição luxuosa, em que a Arquitectura, a Escultura e mesmo a Pintura tinham a mais saliente representação. Em alguns, a cultura agrícola, nomeadamente a de hortas e pomares, ter-se-ia associado às culturas de prazer.

A par dos grandes jardins de composição geométrica e naturalista, também existiram, certamente em grande número, pequenos jardins de diversos tipos, tanto na metrópole como nas províncias romanas. Não é de estranhar que as notícias a seu respeito sejam bastante mais escasas e incompletas.

Dos pequenos jardins-pátios ou de

peristilo encontramos, no entanto, um expressivo mostuário — em vestígios materiais e testemunhos pictóricos — nas ruínas de Pompeia, descobertas em 1748. (A cidade fora sepultada em 79 d. C.).

Na sua conhecida obra *Viagem à Itália*, Hipólito Taine descreveu-os assim: «Quase em toda a parte, no centro da casa há um jardim, tão grande como um salão; no meio, um tanque de mármore branco com uma fonte que brota com ímpeto».

O tema destes jardins terá sido glosado, ao sabor do gosto e da fortuna dos seus proprietários e, mais tarde, enriquecido com pinturas murais, mosaicos artísticos e jogos de água.

Nas nossas ruínas de Conimbriga, podemos admirar os restos dum desses jardins romanos de peristilo mais evoluídos. É constituído por seis canteiros recortados, que emergem dum vasto espelho de água, rectangular, assim transformado em dupla rede cruciforme de canais. A composição é realçada por minúsculos repuchos, que guarnecem a periferia do rectângulo e a orla dos canteiros, espargindo filetes de água nos canais contíguos. Este jogo de água pôde ser reconstituído.

Um outro tipo, mais modesto, de pequenos jardins aparece representado em pinturas murais romanas. A sua principal característica é a de serem vedados com paliçadas de canas cruzando-se à maneira de rótulas. Parreiras e berços, também de material ligeiro, ornavam estes jardins, onde a Arquitectura apenas se encontrava representada por pilares com vasos e fontes diversas, algumas elevadas em forma de *vasca*. As paliçadas de cana também se utilizavam, em jardins mais importantes, para vedar canteiros.

Eram também muito numerosos e muito espalhados por todo o Império os pequenos jardins funerários, que emolduravam os mausoléus (*heróones*) ou as simples sepulturas, que abundavam nas margens dos caminhos exteriores das cidades.

É talvez a altura de nos referirmos à decoração florística, enumerando as espécies mais utilizadas nos jardins romanos.

Entre as árvores e os arbustos de folhagem, o pinheiro manso, o cipreste, o plátano, os loureiros, o buxo, o teixo e

(1) Citado por Marguerite Charageat.

o mirto terão tido a primazia. E, entre as plantas sarmentosas, a vinha e a hera. Também foram muito utilizados: o acanto, a congorça e a gilbarbeira.

Em segundo plano de utilização, terão figurado: a picea, o zimbro, a palmeira das tâmaras, o choupo, o carvalho, o bordo, o lodão bastardo, a carpa, o medronheiro, o loureiro-rosa, a romãzeira e o rododendro, sem esquecer o limoeiro e a laranjeira.

Quanto a flores, o lugar predominante pertenceu às rosas, que já tinham tradição e amadores devotados. As outras espécies de que encontramos notícia são: as violetas, os mal-me-queres, os loios azuis, as margaridas amarelas, os goivos, os cravos, as verbenas, os lírios, as anêmonas, as açucenas, os jacintos, os narcisos e os gladiolos.

As árvores enquadravam os elementos escultóricos e arquitectónicos, bordavam as alamedas ou formavam bosquetes, obedecendo a sua plantação a esquemas irregulares nos jardins naturalistas e regulares nos jardins geométricos.

Os arbustos tiveram emprego idêntico, além de se usarem para formar sebes.

Com as plantas sarmentosas adornavam-se parreiras e berços; ou armavam-se grinaldas, suspensas das árvores e das colunas (as de vinha, evocando Dioniso).

As flores usavam-se em tufos, junto das habitações ou, paralelamente aos caminhos, em canteiros por vezes ornados com uma cercadura de acantos. Estes, as congorças e as gilbarbeiras serviam para revestimentos do solo, quando se não pedia à erva espontânea o desempenho da mesma função, pois não é de crer que já nessa altura existissem relevados artificiais.

Muitas outras espécies vieram a ser cultivadas em jardins romanos, trazidas das províncias mais longínquas. As mais cativas ou mais preciosas cultivavam-se em vasos, por vezes assentes em prateleiras rolantes, que se recolhiam durante o Inverno em abrigos ou estufas, cujas paredes voltadas para o sol eram construídas com pedra especular (mica).

Muito competentes no cultivo das plantas e exímios no manejo do tonsurador, os jardineiros romanos, no decorrer do século I a. C., fizeram grandes pro-

gressos na arte de tonsurar, ou de tosquiá. Assim, lançaram as modas de aparar as sebes ritmando-as com pirâmides e outros enfeites, e de ornar canteiros com *laçaria* de buxo tosquiado — o que veio a imitar-se, em grande escala, nos jardins da Renascença.

Também se habituaram a recortar no chão, com plantas, os nomes dos proprietários dos jardins a seu cargo, assim como frases com mensagens de boas-vindas, dedicadas aos visitantes.

Quase a meio do século, resolveram, mesmo, imitar os escultores, usando as plantas vivas, sobretudo o buxo, o teixo e os loureiros, como matéria plástica.

Árvores e arbustos tomaram então formas inesperadas, figurando objectos, animais diversos e seres sobrenaturais, tais como barcos com as velas desfraldadas, cisnes elegantes e dragões ferozes... Por fim, grupos de figuras compoendo cenas de efeito, pastoris ou cinegéticas, tais como um pastor com o rebanho, ou uma lebre perseguida por uma matilha de cães — obras, sem dúvida, reveladoras de muito labor, paciência e mérito, mas que já nesse tempo terão feito as delícias dos espíritos infantis e dos amadores de curiosidades.

Este género de trabalhos recebeu a designação de *topiaria* (do latim: *topiarium opus*); e os artistas que o praticavam, a de *topiários* (1).

A topiaria continuou, de futuro, a ser praticada em vários países. As suas reminiscências, tantas vezes frustes ou degeneradas, infestam agora jardins portugueses.

Correspondendo ao gosto da época por coisas estranhas e raras, os jardineiros romanos também souberam criar, artificialmente, árvores anãs (tais como plátanos e ciprestes) e, por meio de enxertia, obter *quimeras*.

(Continua)

(1) A expressão latina *topiarium opus* aplicou-se originalmente ao género de pintura «paisagista» praticado pelos artistas gregos e romanos; e os termos *topiaria* e *topiarius* ter-se-ão aplicado inicialmente, por analogia, à jardinagem paisagista e ao jardineiro que a praticava. Parece que o sentido destes termos logo se generalizou a toda a jardinagem e ao jardineiro em geral. Mas já Cícero e Plínio os utilizavam com o sentido restrito que prevaleceu, relativo à tosquia plástica das plantas. (Vid. *Magnum Lexicon*).

Como reduzir os perigos dos pesticidas para a vida animal e vegetal

Por
CÉLIA TEIXEIRA DE FIGUEIREDO
Eng. Agrônomo
Do Laboratório de Fitofarmacologia

Os pesticidas são produtos utilizados no combate aos inimigos das culturas: pragas, doenças e ervas daninhas. O seu espectro de acção é todavia bastante largo, visto que eles não destroem somente as pragas nocivas, os fungos e as infestantes, mas podem dizimar também os insectos úteis, as aves, a caça, os peixes, os animais, a vegetação e o próprio homem.

Neste trabalho pretendem-se pôr em evidência os perigos dos produtos fitofarmacêuticos para a vida animal e vegetal, expressão com a qual se designam os seres vivos atrás mencionados, à excepção do homem.

O paratião, por exemplo, tão usado para combater o bichado e os afídeos das fruteiras, é altamente tóxico para as abelhas, pelo que se deve evitar a sua aplicação na época da floração durante a qual estes insectos buscam o pólen nas flores.

A caça, as aves e os animais selvagens que habitam certa região podem sofrer bastante com um tratamento fitossanitário que por força das circunstâncias deixa sempre resíduos do pesticida usado, no solo onde os animais terão que caminhar e nas plantas de que se alimentam.

Da falta de cuidado na lavagem do material de aplicação e do arrastamento involuntário do pesticida sob a acção do

vento ou da infiltração com a água das chuvas do excesso de produto que cai no solo durante o tratamento, podem resultar a contaminação dos cursos de água, dos poços e das fontes e deste modo serem mortos ou afectados os peixes e todos os animais que utilizem a água para se dessedentarem.

Nem sempre o contacto com materiais contaminados ou infectados de resíduos de pesticidas provoca o aniquilamento total. Por vezes pode não haver uma consequência fatal imediata mas dar-se a acumulação do produto no organismo em causa que pouco a pouco vai modificando as condições de funcionamento dos vários órgãos e acaba por conduzir à sua destruição. Pode também verificar-se a infertilidade dos ovos das aves sob a acção dum produto fitofarmacêutico e a sua aplicação continuada conduzir deste modo ao desaparecimento de determinada espécie.

Neste caso os animais funcionam como acumuladores de resíduos e torna-se perigosa a sua utilização na alimentação do homem (peixes e caça).

É também condenável a prática usada nalgumas regiões do nosso país por pessoas que por inconsciência, ignorância ou falta de civismo se dedicam à apanha de aves com trigo envenenado com paratião, para depois as venderem nas lojas

de petiscos onde os apreciadores as comem, ignorando que pouco a pouco estão a ser intoxicados.

Também os herbicidas utilizados para destruir as ervas daninhas podem ocasionar graves prejuízos, devido à intensa fitotoxicidade, não só na flora natural como nas culturas próximas algumas das quais são extraordinariamente sensíveis (faveiras, batateiras, gramichas, tomateiros e videiras).

A acção tóxica dos pesticidas sobre a fauna e a flora pode ser agravada pelo tipo de formulação, técnica de aplicação, época de realização do tratamento, etc..

Um produto fitofarmacêutico em pó é mais facilmente arrastado pelo vento a grandes distâncias do que um pesticida líquido.

Também as aplicações por avião ou helicóptero tornam mais propício o arrastamento do produto fitofarmacêutico em utilização e a contaminação dos cursos de água.

Se a época de realização do tratamento é aquela em que os animais selvagens fazem um uso mais intenso da área, a probabilidade de dizimação destes animais torna-se maior.

Com o intuito de chamar a atenção das entidades oficiais, das empresas de pesticidas e do lavrador, para os perigos dos pesticidas, apresentam-se a seguir as recomendações traduzidas numa publicação do United States Department of the Interior, intitulada «Pesticide — Wildlife Studies. A Review of Fish and Wildlife Service Investigations During 1961 and 1962», com o fim de reduzir os riscos resultantes da sua aplicação:

— Usar um pesticida só quando há uma necessidade real de o fazer.

— Esclarecer previamente quais os possíveis perigos para a vida animal e

vegetal que poderão resultar do uso de determinado pesticida.

— Evitar tratamentos que prejudiquem uma parte significativa duma espécie rara ou com hábitos especializados que a tornem particularmente vulnerável aos pesticidas, sem consultar previamente os serviços oficiais responsáveis.

— Tratar a mínima área e quando apesar disso, a extensão de terreno for grande, deixar faixas por tratar para facilitar o repovoamento dos locais tratados se ocorrer perigo para a vida animal.

— Evitar a contaminação de cursos de água ou nascentes.

— Seleccionar, na medida do possível, os pesticidas menos perigosos para os peixes, caça, aves ou insectos úteis atendendo não só à sua toxicidade como à sua velocidade de degradação após a aplicação.

— Evitar os produtos fitofarmacêuticos que tenham tendência para se acumular no habitat.

— Usar de preferência a técnica de aplicação e formulação que reduza o contacto dos pesticidas com os animais a proteger.

— Não usar produto além do que é absolutamente necessário.

— Não fazer as aplicações durante a migração primaveril, nos períodos de postura das aves ou noutros períodos de uso intenso da área a tratar.

— Usar repelentes ou outros dispositivos para afugentar os animais da área tratada durante o período de máxima toxicidade ou perigo.

— Usar produtos tão selectivos quanto possível.

— Não lavar o material usado na preparação e na aplicação das caldas em cursos de água, lagos ou fontes.

— Queimar, enterrar ou partir as embalagens vazias.

A P E R E I R A

Por JOAQUIM ABRANTES ZENHAS
Eng. Silvicultor

(Continuação do número 2551 pág. 708)

A — RAMOS DE MADEIRA

Um ramo de madeira, de formação do ano, só tem, geralmente, gomos foliares. Se forem normais as condições de vegetação da pereira, e não houver poda, o gomo terminal evolui na próxima Primavera, dando lugar a um novo prolongamento do ramo, verificando-se ainda o abrolhamento de mais alguns gomos laterais que darão lugar, possivelmente, a mais ramos de madeira e a alguns dardos.

Porém, nem todos os gomos laterais evoluem, ficando alguns deles, em maior ou menor número, em estado dormente.

Pela poda combate-se a dormência dos gomos, por forma a que todos fiquem activos, garantindo o gomo da extremidade o prolongamento do ramo, e os da base a diferenciação de novos esporões. Para que tal se verifique a intensidade da poda deve ser bem determinada, e a nutrição da pereira deve verificar-se em boas condições, para que não fiquem olhos dormentes, mas para que estes também não evoluam todos em ramos de madeira.

Se a poda for longa, alguns olhos per-

manecerão dormentes, mas se for curta em demasia pode provocar uma ramificação excessiva e conseqüente adensamento da copa, não estimulando no grau requerido a diferenciação de ramos de fruto especializados. (Fig. 1).

Não é possível dar medidas certas para os atarraques, nem fazer estes na certeza das respostas que se virão a obter. Cada pereira apresenta características específicas e varietais, que lhe são próprias, per-

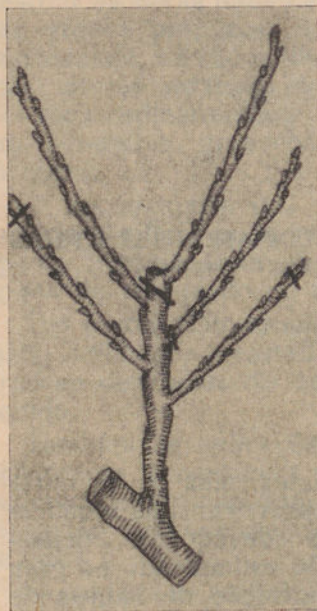


(Fig. 1) Atarraque de um ramo de madeira — a) curto; b) insuficiente; c) normal

feitamente conhecidas e controláveis, mas porque se trata de um ser vivo tem também características individuais, cujas reacções são imprevisíveis.

Contudo, os fins da poda serão sempre atingidos e a prática fornecerá indi-

cações para a medida com que deve ser feita, se o podador tiver na devida conta o vigor e a idade da árvore, as suas características varietais e o grau de fertilidade do terreno. Nas árvores muito novas e vigorosas é prejudicial a prática de atarraques muito intensos, porque provocam excessiva rebentação, adensando muito a copa, atrasam as frutificações e, por vezes, motivam o aparecimento de ramos ladrões, levando ainda, por continuação, ao desguarnecimento dos ramos principais. Nas árvores muito produtivas, enfraquecidas por qualquer causa, ou já idosas, as podas longas, pelo contrário, conduzem ao seu esgotamento, podendo apressar-lhes a morte.



(Fig. 2) Resposta—ramos de madeira

Daqui se conclui que nas árvores vigorosas devem só praticar-se atarraques longos, e que se devem fazer atarraques curtos nas árvores com pouco vigor. Nas primeiras tenta-se contrariar a rebentação e estimular a diferenciação de esporões, procurando-se nas segundas provocar mais intensa rebentação e alijá-las do excesso de ramos frutíferos.

A mero título de ilucidação, aconselha-se, para pereiras com desenvolvimento normal, atarracar os ramos guias a 25-30 centímetros, ou sejam 8 a 10



(Fig. 3) Um ramo de madeira e dardos

olhos bem constituídos, e os ramos laterais, que convém enfraquecer para frutificarem, a 10-15 centímetros, 4 a 6 olhos.

Nas árvores muito vigorosas não se atarracam os ramos-guias e fazem-se atarraques mais longos aos ramos laterais; nas árvores muito frutíferas, ou muito enfraquecidas, fazem-se atarraques mais intensos, se necessário a 3 ou 4 olhos bem constituídos.

São várias as respostas possíveis da pereira, umas favoráveis, outras desfavoráveis, ao atarraque de um ramo de madeira.

Como exemplos, pois o exame cuidadoso das respostas da poda anterior é o melhor guia do podador, apresentam-se a seguir alguns casos, dos verificados com mais frequência, analisando-os devidamente.

a) — O atarraque de um ramo de madeira teve como resposta só ramos de madeira.



(Fig. 4) Dois ramos de madeira e dardos
1.º ano 2.º ano

Este caso verifica-se sempre que o atarraque foi demasiado intenso. (Fig. 2).

Escolhe-se para ramo-guia o que tiver melhor posição na copa e não se atarraca. Suprimem-se todos os lançamentos que adensam em demasia a copa e despontam-se todos os outros que houver vantagem em conservar.

b) — Um ramo de madeira e dardos.

É o resultado normal de uma poda bem conduzida.

O prolongamento do ramo e consequente renovação da copa é garantido pelo novo lançamento, e os dardos, no ano seguinte, encontrar-se-ão diferencia-

dos em esporões, assegurando assim as futuras frutificações da pereira. (Fig. 3).

Convém, portanto, continuar a praticar podas de igual intensidade, aplicar idênticas adubações e a fazer os mesmos amanhos ao terreno.

c) — *Dois ramos de madeira e dardos.*

Desde que não seja exagerado o desenvolvimento destes ramos e que o da extremidade se apresente com mais vigor, considera-se ainda como normal o resultado da poda.

De duas maneiras se pode neste caso fazer a poda do ano:

1.^a Se houver vantagem em adensar um pouco mais a copa, poda-se o lançamento da extremidade a 8 olhos e o lançamento inferior a 3 ou 4.

2.^a Se já for normal o adensamento da copa, atarraca-se o ramo sobre o lançamento inferior e atarraca-se este a 8 olhos. (Fig. 4).



(Fig. 4) Ramo de madeira, esporões e dardos

d) — *Dois ou mais ramos de madeira e um dardo intercalado.*

Suprime-se o lançamento da base e atarraca-se o da extremidade, se a poda do ano anterior tiver sido feita a 3 olhos. (Fig. 5).

Caso a poda tenha sido mais longa, suprime-se todos os ramos abaixo do dardo e aproveita-se para prolongamento o que lhe estiver imediatamente a seguir, atarracando-o a 4-6 olhos.

Sempre que isto se verifique o ramo do ano anterior é também atarracado sobre este.



(Fig. 5) Dois ramos de madeira e um dardo intercalado

e) — *Um ramo de madeira, esporões e dardos.*

Este tipo de resposta só se verifica em algumas variedades, entre as quais se podem apontar a Williams, a William Duchesse, a Triomphe de Jodoigne, a Duchesse d'Angoulême, a Beurré Clairgeau e a Margaritta Marillat. (Fig. 6).

São variedades muito produtivas em que por vezes convém contrariar a sua aptidão exagerada para frutificar.

Sempre que esta resposta se verifique em muitos ramos deve praticar-se uma poda mais intensa, atarracando os ramos-guias a 4-5 olhos e os laterais a 3. Se, porém, o facto ocorrer em pequeno número de ramos, pode tomar-se como normal, fazendo a poda com igual intensidade à do ano anterior.

Por vezes, estas variedades respondem também com um ramo de madeira, dardos, esporões e ainda verdascas. (Fig. 7).

Segue-se então idêntico critério de poda, mas atarracam-se a 3 olhos todas as verdascas, com excepção das que apresentarem menos de 10 centímetros de comprimento, que se deixam intactas.

f) — *Só dardos e olhos dormentes.*

Respostas deste tipo denotam sempre enfraquecimento da pereira, muito em especial se se verificam simultaneamente em vários ramos. (Fig. 8).



(Fig. 7) Um ramo de madeira, dardos, esporões e verdascas

Devem suprimir-se os dardos terminais sobre os olhos da base e fazer uma adubação fosfo-potássica equilibrada do pomar, a par de uma adubação azotada bastante quantiosa. Ao mesmo tempo terá que se combater quaisquer causas conhe-

cidas do enfraquecimento da árvore (doenças, ou má drenagem do terreno).

g) — Num ramo de madeira atarracado a 3 olhos, estes evoluíram todos em ramos de madeira.



(Fig. 8) Só dardos e olhos dormentes

Trata-se de uma resposta desfavorável, devida a demasiada intensidade da poda, ou a grande vigor da pereira. (Fig. 9).

A poda do ano consiste na supressão dos dois lançamentos mais vigorosos e no atarraque a 3-4 olhos do lançamento mais fraco, que deve ser conservado.

h) — Nem todos os olhos do ramo atarracado evoluíram, permanecendo alguns no estado de dormência.

Se houver inconvenientes no desguarnecimento do ramo, podam-se os lançamentos do ano da forma que se tem vindo a indicar, fazendo atarraques um pouco mais intensos, e fazendo-se entalhes do lado superior dos olhos cuja evolução queremos provocar. (Fig. 10).

B — PODA DAS VERDASCAS

As verdascas, como se sabe, são ramos de configuração frágil terminados por um gomo floral, formadas por evolução de um gomo foliar, a partir de um dardo, ou sobre um esporão, ou ainda num ramo de madeira.

E' muito restrito o interesse das verdascas e bastante pequenas as suas



(Fig. 9) Dois ramos fortes e um fraco

possibilidades de frutificação, até a normal maturação dos frutos. Por estas razões não se aproveitam para frutificação as verdascas, que devem ser atarracadas a 3 olhos. Porém, nas árvores muito vigorosas e pouco frutíferas, devem aproveitar-se desde que o seu comprimento não ultrapasse os 10 a 12 centímetros.

(Continua).



Fig. 10

PSICOSOCIOLOGIA RURAL

(Conclusão da pág. 728)

grande parte, a potencialidade intelectual. Por isso tem interesse conhecer, num individuo ou grupo de individuos:

- a) O nível de idade intelectual.
- b) A forma como ele se apresenta e se manifesta geralmente.

O grau de sensibilidade desempenha também uma função mais importante do que se julga à primeira vista, sobretudo nas zonas europeias subdesenvolvidas.

O estudo psicológico permite:

- 1) Definir as incidências das condições socioeconómicas sobre o pleno desenvolvimento dum grupo de individuos.
- 2) Elaborar, muito especialmente, as formas psicopedagógicas dum ensino geral e dum ensino agrícola adaptado ao meio e susceptível de cultura.
- 3) Determinar as necessidades intelectuais mínimas dum homem destinado à vida agrícola, noção até agora conhecida apenas por carência, e que prestaria os maiores serviços à orientação escolar e profissional dos nossos dias.

Estes são alguns dos aspectos preliminares do estudo de Bretonès. Não é possível, como já dissemos, por falta de espaço, referir os aspectos práticos da realização dos inquéritos e os seus resultados. Mas não há dúvida que os elementos apresentados já contêm dados importantes e valiosas sugestões.

APONTAMENTO DE UMA VIAGEM

5 — Dos lagos de Plitvice a Zadar

Por MAXIMINO ALVAREZ
Eng. Silvicultor

(Continuação do n.º 2551, pág. 702)

Maio, 9. Já não muito cedo, partimos deste romântico éden, onde a Natureza vive feliz, protegida pelo Homem, em direcção a Gospic, primeiro, viajando para oeste e, depois, para sudeste, lá para Klade-Duman, de 860 ha de superfície, com cotas entre 650 e 975 m, temperatura média anual de 7,8° C e 1550 mm de queda pluviométrica, na qual se pode ver o que resta dos seus antigos povoamentos, pertencentes ao *Fagetum croaticum abietetosum*, que só há poucos anos, com a proibição do pastoreio e da desramação, entraram em fase de reconstituição, contendo, actualmente, em média, 605 abetos por hectare, com 16,4 m² de área seccional, 7,6 m³ de acréscimo anual e 106 m³ de existência, e, ainda, os trabalhos empreendidos para melhoramento das florestas degradadas «Sikare-Ravna gora», zona de 594 ha, a 650 m de altitude, com 1470 mm de precipitação anual e temperatura média anual igual a 8,4° C. Sobreexplorada e devastada pelos caprinos, apenas apresenta agora matos, com pequenos grupos de abetos, aqui e acolá. O povoamento da associação *Querceto-Ostrietum carpinifolia* surge por toda a parte e, nos vales escarpados, aparece o *Fagetum croaticum abietetosum*. A supressão do apascentamento da cabra, em 1954, criou a primeira condição para o melhoramento das formações existentes, procedendo-se, de mo-

mento, a cortes de limpeza e desbastes e à introdução de abetos e pinheiros, esperando assim virem a transformá-las em produtivos altos-fustes.

Mais adiante, paramos na região de Musaluk, a poucos quilómetros de Gospic, a fim de se visitar um dos campos de ensaio de plantação de resinosas nas charnecas de Lika. Trata-se de uma zona de *Querceto-Carpinetum*, anteriormente coberta por *Calluneto-genistetum*, à altitude de 572 m, com 2020 mm de pluviosidade anual e temperatura média anual de 8,6° C: 18,9° no mês mais quente — e 2,5° no mês mais frio. O solo é um podzol de charneca, com textura argilosa até os 70 cm, seguida de uma mistura de argila e areia, tendo na camada superficial 2,4 o/o de húmus ácido, o qual, a 50 cm, se reduz a 1 o/o. Em água, a camada superficial produz uma reacção pH 5,2, enquanto em KCl ela é de 4, sendo de pH 5,5 e 4,14 as reacções, nas mesmas condições, se se tratar de amostras colhidas a 80 cm; quanto ao doseamento do K₂O, ele é, a essas profundidades, de 4,7 mg/100 g e 2,5-4,8 mg/100 g, respectivamente, encontrando-se só pequenas quantidades de P₂O₅, CaO e MgO.

O campo, com a superfície de 18 ha, está dividido em 9 parcelas, tendo-se procedido nelas à plantação de *Pinus sylvestris*, espécie que, nas redondezas, cons-

titui bons povoamentos, alguns já com perto de 100 anos, e que por via natural se têm estendido, graças ao arrastamento das sementes pelo vento. Além das experiências em curso, com vista à determinação do acréscimo consoante a densidade de plantação e método de preparação do terreno, com ou sem cultura agrícola, e o interesse financeiro de cada espécie, traduzidas, designadamente, por variações no grau de intensidade e extensão da mobilização do solo, da densidade da plantação, do modo de plantação, da influência do fosfato dificilmente solúvel e do carbonato de magnésio, realizar-se-ão ainda, em alguns campos de ensaio, sementeiras de espécies forrageiras. A adubação empregada foi idêntica em todas as parcelas: 1000 kg/ha de fosfato fino, com 28 a 32 o/o de P_2O_5 ; 200 kg/ha de potássio, com 28 o/o de K_2O e 10 o/o de MgO . Por planta, adicionou-se 0,5 kg de areia dolomítica.

Depois do almoço em Licki Osik, num hotel recentemente construído, visitou-se a fábrica de contraplacados de Gospic, inaugurada em 1961 e cuja instalação orçou aproximadamente em 320 milhões de dinares. Dispõe de uma capacidade normal de consumo de 10 000 m³ de toragem, especialmente de faia da região, sendo o aproveitamento de cerca de 40 o/o e o rendimento anual de 4000 m³. Possui duas máquinas desenroladoras, de 2700 e 1800 mm, e as respectivas prensas e estufas e produz contraplacados de 125 x 250 cm, com 3-6 mm de espessura.



Na região de Musaluk

Funciona em dois turnos, de 160 operários, e, em breve, será ampliada com uma secção para fabrico de placas de estilhas, que, em parte, aproveitará os desperdícios da actual.

Já de noite, chegamos a Zadar, cidade de 25 000 habitantes e centro económico e cultural da Dalmácia, de que foi capital. Muito danificada durante a Segunda Guerra Mundial, ela revela àqueles que a visitam interessantes vestígios do passado, como os restos das muralhas medievais, com a sua notável porta «Terra Ferma», encimada pelo leão de S. Marcos, a «logia», a igreja de S. Donato, o convento e a igreja de S.^{ta} Maria e a igreja de S. Simeão. Reúne ainda sob o ponto de vista cultural, além de grande número de escolas e da Faculdade de Letras, os museus arqueológico e etnográfico, uma galeria de pintura e uma biblioteca científica. No sector industrial, destacam-se, entre outras, a fábrica de licores «Maraska» e as de mecânica de precisão, de tabacos, de pastas, de chocolates e de filetes de peixe. Zadar é também sede de um serviço de economia florestal e da empresa agrícola Snilcic.

Quedamos instalados no Hotel Zagreb, mesmo à borda-d'água. Um imprevisto da última hora ia-nos privando de quarto individual. No entanto, o infatigável Zunko, na sua qualidade de orientador administrativo, conseguiu resolver a dificuldade, mas não sabemos se à custa de dois colegas italianos... E com o Eng. Mário Falchi, que trabalha na Sardenha, e o Prof. Petar Ziani, que, ontem, havia sido nosso companheiro de quarto no Hotel Plitvice, lá estamos, após o jantar, a desvendar os múltiplos recantos interessantes da cidade.

Ao regressar, escrevemos à família. É um postal com vários trechos de Zadar, e num deles lá figura o «Zagreb». Ainda não temos sono. Vamos coligir umas notas sobre a floresta jugoslava, para melhor precisar o que já vimos e compreender o que resta percorrer.

Região de transição entre o Mediterrâneo e a planície do Danúbio, entre os Balcãs e os Alpes, a Jugoslávia pode considerar-se dividida em três zonas geográficas: uma pri-

meira, situada ao norte do Sava, caracterizada pela fertilidade do seu solo, com largo aproveitamento agrícola, uma intermédia, ao sul do mesmo rio, predominantemente montanhosa e rica em jazigos minerais, e uma terceira, a região adriática, onde assumem maior importância a viticultura, a pecuária e a pesca. Depósitos quaternários constituem as planícies do Nordeste, que se ligam à bacia do Danúbio, enquanto nas montanhas, que cobrem a maior extensão do país, as formações geológicas são bastante variadas. Rugas alpinas, cristalinas e calcárias, surgem na Eslovénia, no Noroeste, e planaltos calcários, com suas depressões características, ocorrem no Sul e Sudeste. Os Alpes Dináricos, que do Carso se estendem até ao Morava-Vardar e que resultaram de levantamentos terciários, são graníticos na Sérvia e na Bósnia e gresosos e calcários no resto, enquanto cristalino e metamórfico é o maciço que no Leste estabelece a transição com os Cárpatos e ainda no Sul, na Macedónia, o são os contrafortes do Ródope.

Cinco grandes regiões climáticas distinguem-se no país: clima atlântico de transição, na Eslovénia e na Croácia; mediterrânico, na Itália e na Dalmácia; semi-árido, na Panónia; continental, na Sérvia; montanhoso, nas zonas de altitude. A precipitação atmosférica eleva-se do litoral até ao cimo dos maciços costeiros, diminuindo depois para este, onde não ultrapassa os 600 mm. Diversos são os tipos de solo, desde os estépicos da Panónia, às rendzinas dos maciços montanhosos, passando pelas terras vermelhas da Dalmácia, solos castanhos das bacias fluviais e podzóis.

Também variados são os tipos das suas florestas: a azinheira misturada com resinosas colonizadoras, como o pinheiro de Alepo e diferentes formações em regressão, ao longo do Adriático, enquanto no interior aparecem, com a altitude, primeiro, a floresta de carvalhos, com *Quercus robur*, *Q. cerris*, *Q. pubescens* e *Ostrya carpinifolia*, e, depois, a extensa floresta de faia, de mistura com abetos pectinados nas montanhas do Centro e que se



Num campo de ensaio da charneca de Lika

estende da fronteira austriaca à Macedónia, e, mais acima, a *Pinus leucodermis* e *P. peuce* na Herzegorina e no Montenegro, o larício na Eslovénia e a picea na Sérvia, assim como o pinheiro negro da Áustria superiormente à zona da azinheira e o pinheiro silvestre na Bósnia e na Macedónia. A repartição por classes de idade é geralmente bastante anormal, e as folhosas, com a faia à cabeça, se em superfície estão na razão de 5:1 relativamente às resinosas, em que dominam os abetos e as píceas, no que respeita à existência estão-na de 5:2, cifrando-se o acréscimo anual médio por hectare daquelas em 1,8 m³ e o destas em 2,7.

Números referentes a 31 de Dezembro de 1961, indicam que dos 8,7 milhões de ha que constituem a superfície total da floresta jugoslava, 0,5 são classificados não produtivos e 0,2 não são utilizados, sendo 5,7 milhões de ha ocupados por florestas puras de folhosas, 0,5 por florestas puras de resinosas e 1,8 por povoaamentos mistos. A existência nas florestas utilizadas ascende a 975 milhões de m³, dos quais 704 de folhosas e 271 de resinosas, subindo o acréscimo anual total a 22,1 milhões de m³, à custa de 16,6 nas primeiras e de 5,5 nas segundas. Quanto às perdas naturais, são estimadas em 1 milhão de m³ e as devidas à exploração avaliadas em 10 a 20% do volume abatido. O acréscimo das árvores fora da floresta, esse, é calculado em 3 a 4 milhões de m³, cifrando-se a sua existência em 50 a 60 milhões de m³.

Consultamos o relógio: quase meia-noite. Um cigarro para acompanhar, pois ainda queremos alinhar mais alguns números. A propósito, os cigarros são fabricados com tabaco produzido no país, são do tipo turco ou búlgaro, abundam as



Vale de Brusanca — Povoamento de abeto e faia

marcas, têm boa apresentação e o pacote custa 55 a 120 dinares. E agora continuemos.

Em 1961, extrairam-se das florestas jugoslavas 16 725 milhares de m^3 , dos quais 3 873 milhares de toros para serração, folheados e travessas e 1 647 milhares de madeira para pasta e esteios, de um volume de 8 125 milhares para obra e indústria, tendo as folhosas contribuído para aquele total com 12 869 milhares de m^3 mas as resinosas com tão-somente 3 856 milhares, e fazendo-se sentir o peso das folhosas fundamentalmente na madeira para queimar — 8 400 milhares — e na madeira para usos industriais diversos — 1 810 milhares —, já que nas utilizações atrás referidas o seu contributo ficou, respectivamente, em 1 815 e 844 milhares de m^3 . No mesmo ano, assinala-se a produção de 2 352 milhares de m^3 de serradas, 115 milhares de m^3 de contraplacados, mais de 50 milhares de m^3 de travessas, 235 milhares de ton. de pasta (química, 175 milhares — 140 pelo processo do bissulfito), 9,1 milhares de ton. de placas de estilhas, 35 milhares de placas de fibra (comprimidas, 27 milhares) e 227 milhares de ton. de papéis e cartões. Ainda em 1961, o país exportou 398 milhares de m^3 de

madeira para queimar, 29,9 milhares de ton. de carvão de madeira, 499 milhares de m^3 de madeira para pasta, 4 milhares de m^3 de postes, 34 milhares de m^3 de travessas, 253 milhares de m^3 de serradas resinosas e 292 milhares de serradas folhosas, 24 milhares de m^3 de tábuas para caixas, 14 milhares de m^3 de folheados e 10 milhares de contraplacados, 28 milhares de ton. de pasta química, 1,2 milhares de ton. de placas de fibra e 6,4 de papéis e cartões, e importou 0,9 milhares de m^3 de toros para serração, folheados e desenrolamento, 8 milhares de m^3 de serradas resinosas e 0,4 milhares de serradas folhosas, 14 milhares de ton. de pasta química e 37,7 milhares de ton. de papéis e cartões. O balanço do material lenhoso em equivalente em madeira redonda foi, então, de 14 620 milhares de m^3 , uma vez se haverem extraído 16 725 milhares, importado 205 milhares e exportado 2 310 milhares. Finalmente, quanto ao consumo de produtos florestais por 1 000 habitantes, a mesma fonte indica: madeira redonda, 765 m^3 , dos quais 330 de madeira para obra e indústria; serradas, 85 m^3 ; contraplacados, 5 m^3 ; papel de jornal, 2,2 ton. outros papéis e cartões, 9,4; placas de fibra, 1,5 ton.

(Continua)

INFORMAÇÕES ÚTEIS

(De Rádio Rural)

As plantas, através das suas raízes, retiram do solo a água e as matérias minerais dissolvidas de que carecem para o seu desenvolvimento.

São pois as raízes, órgãos indispensáveis que se não devem maltratar. Aquando da realização dos amanhos culturais, senhor agricultor, tenha a preocupação de não atingir, por forma prejudicial, as raízes das plantas.

*

Uma vaca leiteira deve ter na sua ração todos os elementos que lhe permitam realizar a produção máxima compatível com as suas possibilidades.

Novas perspectivas para a produção do leite

Pelo Eng. Agrônomo SIMÕES PONTES

QUEM algum dia se tenha interessado, por pouco que seja, pelos assuntos relacionados com a produção e comercialização do leite, terá certamente verificado ser um sector de actividade de extrema complexidade e de difícil domínio, pelas contínuas implicâncias, principalmente de ordem económica e social, que dele derivam.

Nesta questão do leite, muitas vezes perguntamos a nós próprios por que é que ele, sendo apetedidamente branco, de uma brancura que atrai como símbolo de inocência, é simultânea e paradoxalmente motivo de sedução para o homem e fonte de tantas quesilias e situações caliginosas.

É muitas vezes pensamos que só por ironia se terá um dia chegado a admitir como válido aquele conceito popular que nos diz que quem tem «leite»... tem sorte. Sem querer de forma alguma pormo-nos em contradição com adágios, sempre tão judiciosos na sua essência e profundidade, mas apenas com a intenção de desejar dar-lhe uma interpretação possivelmente verdadeira, sem as cores diáfanas de um asteísmo inofensivo, atrevemo-nos a dizer que com aquela expressão se pretenderá talvez significar que o «leite» da sorte... está na sorte de o não ter.

De facto, se observarmos atentamente o diagrama da produção de leite nas zonas minifundiárias do norte do país, facilmente se verifica constituir ela como que um barómetro que regista as condições de vida rurais, na medida em que as diminuições do seu volume têm correspondido a épocas de maior desafogo econó-

mico e os aumentos coincidem com as de crise.

Esta estranha circunstância tem a sua comprovação num exemplo recente: durante a última grande guerra, exactamente quando a Lavoura viveu alguns anos com mais largueza de meios, a produção leiteira diminuiu, para depois passar sucessivamente a aumentar a partir da altura em que as condições económicas começaram a piorar.

Para a diminuição da produção naquele período anormal de guerra, terá contribuído a falta de um preço justo para o produto, susceptível de compensar devidamente uma actividade que envolve o empate de muito capital e exige um trabalho de tal maneira absorvente, que coloca diàriamente o homem quase escravo do animal. Num mercado, então fortemente influenciado pela escassez de produtos agrícolas, que apresentavam um escoamento fácil a preços remuneradores, onde não raras vezes o mercado negro era destacada via, o agricultor era naturalmente levado a substituir a exploração do gado leiteiro pela de culturas de maior rendimento e menos exigentes em trabalho braçal.

Por seu turno, passado o período eufórico em que a força das circunstâncias determinou a vivência de uma economia de mercado, a Lavoura foi arrastada e caiu novamente nos processos ancestrais de auto-subsistência, que têm pesado sobre ela com uma espécie de fatalismo. Então, e dadas as características da nossa empresa familiar, a manutenção de uma ou duas vacas possibilita uma receita diária

certa, pequena é certo, mas de que o agricultor carece e de que quase não prescindir para a satisfação das suas necessidades mais imediatas. Daí, o aumento da produção global de leite que se observa em épocas de crise.

E digam agora os leitores se, dentro do condicionalismo de mercado que tem sido habitual e com a precaríssima estrutura da grande maioria das nossas norte-nhas explorações agrícolas, não temos razão quando afirmamos que é mais «galinha» que «leite», a sorte de quem o tem.

Efectivamente, é bastante sombrio o quadro nacional que nos descreve a ambiência turbulenta do nosso mundo leiteiro. Mescado de cores indefinidas, dificilmente nele notamos uma visão clara, permissiva de uma orientação segura. Lembrando mais talvez uma pintura ultra-modernista, com um certo sabor picassiano, onde as manchas coloridas parece que brotam sem regra, num desafio perturbador e esgotante à perspicácia dos mais curiosos, com dificuldade nela se distinguem linhas definidas, reveladoras de uma composição disciplinada e coerente, que separem devidamente as influências legítimas que da produção do leite dependem.

Dizem-nos que a pintura moderna acaba por se compreender, desde que seja objecto de longa e profunda meditação. Pois então, apliquemos o mesmo método para o problema do leite: analisemos as suas condicionantes, e, à sua luz, a solução que agora se apresenta a partir da doutrina expressa no recente despacho sobre fomento pecuário, do Ministério da Economia.

A produção média anual de leite no continente, com exclusão do destinado à alimentação das recrias, naturalmente difícil de computar, deve hoje orçar pelos 220 milhões de litros, e provém de um efectivo pecuário da ordem das 135 000 cabeças, distribuídas por todo o país continental, com especial predominância das regiões da Beira Litoral, Entre Douro e Minho e Estremadura, que reclamam em conjunto para si, 80 %/o daquela população total.

Estes números revelam uma produção

média anual de cerca de 1630 litros, evidentemente variável consoante as raças, conforme aproximadamente se indica:

— Raça holandesa . . .	2500-3000 litros
— Raça turina	1200-1500 »
— Raças autóctones . . .	750-1000 »

Esta fraca média registada, que motiva um elevado preço de custo da produção, da recolha e do transporte do leite, deriva essencialmente de uma alimentação deficiente em quantidade mas mais ainda em qualidade; do reduzido desenvolvimento atingido no melhoramento das raças; e no sistema habitual de exploração do gado bovino, normalmente utilizado em função mista.

A densidade da produção de leite, que apenas atinge cerca de 57 litros por hectare de superfície agrícola explorada, é extremamente fraca, em virtude de algumas regiões do sul do nosso país, pelo seu clima seco, apresentarem um artificialismo evidente para o cultivo intensivo de forragens.

Para um número total de estábulos de perto de 72 500, a média de vacas por estábulo varia entre um máximo de 3,2 — caso de Lisboa —, e 1,2 a 1,3 — caso de Aveiro, Viana do Castelo, Coimbra e outras regiões de menor importância leiteira, computando-se a média geral do país em 1,8.

Este reduzido índice é sobejamente demonstrativo da intensa dispersão da nossa produção leiteira e claramente revelador da existência de uma actividade económica que assenta a sua estrutura num exército de produtores com uma e duas vacas.

Para maior clareza deste pormenor, atente-se em alguns números elucidativos referentes à área da Federação dos Grémios da Lavoura da Beira Litoral, a mais importante do continente na produção de leite.

O número de produtores, aqui, é de 26 029, com 33 001 vacas, daí se podendo deduzir que o número de vacas por produtor é de 1,27. E se pormenorizarmos ainda mais os elementos respeitantes a esta matéria, acabamos por verificar que

o número de produtores apenas com uma vaca atinge a elevada cifra de 80 o/o.

Se, porém, tivermos em linha de conta outras regiões, como a de Lisboa, onde a garantia da colocação do produto a um preço mais vantajoso originou a existência de um maior número de vacas por produtor, notamos que aquela percentagem, ao âmbito do continente, desce para 50 o/o.

Daqui haverá de resultar uma entrega diária de leite por produtor muito baixa, visivelmente influente na economia do processo e na qualidade do produto.

Para o provar, citam-se alguns números:

Mais de 45 o/o dos produtores, na Beira Litoral, entregam diariamente menos de 5 litros de leite e 85 o/o menos de 10 litros, panorama idêntico se observando na região de Entre Minho e Cávado.

Na zona do Porto, 25 o/o dos produtores entregam por dia menos de 5 litros, e 50 o/o deles fazem entregas de menos de 10 litros.

E se no concelho de Loures estes números descem, respectivamente, para 7 o/o e 17,5 o/o, no de Mafra sobem para 44 o/o e 80 o/o.

De qualquer das formas, com estes números simples e apresentados à guisa de notas resumidas, apenas se pretende dar uma ideia da complexa e incontrolável máquina em que se apoia a nossa produção leiteira, e simultaneamente demonstrar a dificuldade seríssima que pressupõe todo o plano estruturado que vise uma melhoria do produto, dentro de determinantes exigíveis nos nossos tempos e que o brio nacional deve impor.

Por outro lado, deste estado caótico da produção, deriva um sistema de recolha de leite imperfeito e anacrónico e muitas vezes impeditivo da obtenção de produto de qualidade, a partir de uma profusão de postos de recepção que torna inevitavelmente a operação muito onerosa.

Para melhor apreciarmos o valor desastroso deste sistema, bastará referir o que se passa nas Províncias da Beira Litoral e de Entre Douro e Minho.

Para uma produção média diária conjunta de cerca de 400 000 litros de leite,

há aproximadamente 2200 locais de recolha, o que equivale a uma recepção média diária, em cada um, de 180 litros. Sabendo-se que esta operação se efectua normalmente duas vezes por dia, deduz-se logicamente que é de 90 litros a média recebida parcelarmente.

E mais: de toda esta anarquia, resulta um acto lesivo da economia do leite, na medida em que também se sabe que o sistema de transporte é inglória ou inutilmente sobrecarregado em cerca de 10 000 kms por dia, ou seja, por ano, de 3 650 000 kms.

De todo este condicionalismo, determinativo de uma lastimável e incongruente desorientação, haveria necessariamente de resultar a prática de preços baixos, verdadeiramente abusivos, impostos pela dura lei do mais forte, que se organizou, sobre o mais fraco, que se deixa dominar por falta de sentido coesivo.

Não queremos correr o risco de nos considerarem menos ponderados por alguma expressão exagerada. Por isso, não nos atreveremos a classificar a situação da exploração do leite no nosso país, como medieval.

Não o é certamente; mas que é anacrónica e anti-económica e se assemelha, em muitos aspectos, a um figurino mourisco, implicativo de uma vivência irrequieta e tremendamente confusa, onde o segredo do Casbah se estende aqui em processos menos lícitos, muitas vezes impeditivos de uma evolução que nos prestigie aos olhos das nações europeias, com as quais muito justamente pretendemos ombrear, supomos que não haja ninguém que conosco não concorde.

E' certo que da confusão há sempre alguém que aproveite, mas também não admite qualquer dúvida que dela não deriva nenhum benefício real, apreciável e duradouro nem para o empresário agrícola, nem para a economia nacional, na medida em que a nação tem neste sector um elo ferrugento da sua máquina, que não rende o que podia e devia render. Além disso, constitui uma fonte de mal-estar, motivo de deseducação e indisciplina, inibidoras de uma evolução salutar.

E porque a gravidade da situação

afecta uma legião infinda de produtores e a própria nação, entendemos que fica bem ao Governo chamar a si o problema para definir, com carácter de continuidade, uma política segura e firme, capaz de impulsionar este importante sector de actividade agrícola, de forma a inculcar-lhe o desenvolvimento indispensável para recuperarmos o atraso em que deploravelmente nos temos mantido, e colocarmos a um nível europeu. Este atraso é hoje tão patente, que justifica plenamente uma intervenção governamental séria, com a adopção de medidas que conduzam a um clima de trabalho onde a unidade chegue finalmente a ter sentido prático, e as questiúnculas caseiras, de que temos sido tão pródigos, não encontrem mais possibilidades de virulenta expansão.

O recente despacho sobre fomento pecuário, do Ministério da Economia, afigura-se-nos altamente valioso neste aspecto, na medida em que ataca corajosamente de frente os problemas de fundo e procura dar-lhes a melhor solução.

Na sua essência, o documento é explícito no desejo inteligente de basear a melhoria do condicionalismo leiteiro do país, numa necessária e básica promoção do aumento da produção com a imprescindível melhoria da qualidade do leite, a partir de uma arma de efeitos seguros: melhores e mais justos preços, que estimulem ao fim em vista, com garantia da sua colocação, ao mesmo tempo que não deixa de promover uma reestrutura conveniente da produção. Por outro lado, procura também melhorar a distribuição do leite até ao consumidor, de forma a torná-lo mais apetecido pela confiança que oferece, possibilitando assim uma maior penetração nos hábitos alimentares na mesa portuguesa com um produto natural equilibrado e dieteticamente sã.

É sabido que qualquer evolução seria seria impossível, se a Lavoura não tivesse capital suficiente para investir. Este importante quesito é agora atingido pela fixação de um preço para o leite ao nível europeu. De facto, 2\$30 para o litro de leite de qualidade e 2\$40 quando o mesmo é refrigerado, é hoje praticado, por exemplo, em França. Simplesmente, um lavrador português, com este dinheiro, consegue comprar mais coisas que um francês

com igual quantia. Por tal razão se pode afirmar que com o aumento de preço agora observado, se permite à nossa Lavoura uma capitalização indispensável a uma arrancada para uma condigna evolução.

A par disso, sabe-se também que desde que a Lavoura veja assegurada a colocação do leite a um preço mais compensador, aumentam logo as produções médias por estábulo e até por animal, constituindo ainda um incentivo para a produção de leite noutras áreas economicamente viáveis.

Para beneficiar do espírito deste despacho, a nossa Lavoura pode, dentro de pouco tempo, começar a usufruir algumas vantagens, pela possibilidade que tem de com facilidade aumentar as suas produções de leite.

É certo que neste aspecto, o problema, visto em toda a sua profundidade, tem uma faceta séria e morosa, na medida em que se tem consciência da necessidade de melhorar ou renovar as raças de gado, de forma a constituir-se um armento especializado, susceptível de maiores rendimentos em leite. É este, sem dúvida, um objectivo importantíssimo a atingir, que interessa lhe seja imprimido o maior desenvolvimento e até a maior rapidez, exactamente porque carece de muito tempo para dar resultados benéficos.

Mas, independentemente disso, também não é menos certo que se podem aumentar, de algum modo e rapidamente, as produções com as estirpes existentes, à custa de uma alimentação mais cuidada, onde não falem as rações com concentrados.

Por seu turno, a rede única preconizada pelo despacho ministerial, dentro da doutrina do Decreto n.º 39178, vai impor a sã disciplina que há tanto tempo se ansiava, dela derivando o embaratecimento do sistema de recolha actual, pela eliminação de encargos supérfluos, e também maiores possibilidades na obtenção de leite de melhor qualidade.

Desta sorte, o serviço de recolha do leite através de uma rede única, levada a efeito pelas Organizações Corporativa e Cooperativa da Lavoura, como legítimos proprietários de um produto que é seu por ser dos seus associados, há-de pro-

duzir o duplo efeito económico e técnico-higiênico.

E os direitos do consumidor também estão nele salvaguardados, uma vez que se estabelece um critério de escoamento em que se dá prioridade ao abastecimento público, sem aumento de preço, devido à intervenção do Fundo de Abastecimento, seguindo-se-lhe as indústrias mais válidas e depois as outras, de modo a garantir-se a obtenção do mais alto preço possível à produção.

É certo que as empresas menos dotadas, quando um dia o leite for leiloadado, encontrar-se-ão numa situação que se prevê seja embaraçosa. Mas para isso também encontrarão solução desde que, com tempo, promovam a sua concentração, como, aliás, sabemos estar no seu pensamento, de maneira a constituírem uma indústria dimensionada.

Restará apenas que se atente no facto do aumento de produção e melhoria de qualidade, em indústrias devidamente montadas, exigir a diversificação da produção dos produtos lácteos. E para isso, será necessário e justo colocá-las em igualdade de concorrência com todos os seus produtos perante o mercado de preços.

Concluindo, poder-se-á dizer que com a doutrina do despacho se conseguirá impor uma política esclarecida do leite, com a qual beneficia:

a) o produtor, pela oportunidade que se lhe dá de um preço mais vantajoso para o seu leite, permitindo-lhe uma indispensável capitalização, que mais tenderá a reforçar-se com o forte estímulo para o aumento de produção;

b) o consumidor, pela possibilidade que se lhe concede de, ao mesmo preço anterior, receber para o seu consumo leite de melhor qualidade; e

c) a própria indústria, na medida em que se lhe prepara uma fonte mais abundante de matéria prima e de melhor qualidade.

Mas há ainda um problema sério que respeita à estrutura da produção e que agora se levanta. Sem dúvida que a obtenção de grandes percentagens de leite de

verdadeira qualidade é incompatível com a terrível depressão das explorações leiteiras, na medida em que é praticamente impossível levar ensinamentos e corrigir processos a um exército de pequenos produtores, regra geral sem cultura ou qualquer preparação especializada.

Como melhor solução para esta situação crítica, apenas nos lembra a adopção da cooperativização de exploração de terras ou de associações de grupo, com a especial finalidade da criação de gado. Desta sorte, desapareceriam todos os inconvenientes hoje manifestos na exploração pequena individualizada.

E se quisermos ver o problema nacional do leite com maior profundidade e extensão, teremos que finalmente reconhecer dever ser visto dentro do binómio: continente e ilhas.

Na verdade, o continente, dadas as suas condições ecológicas de produção, há-de, numa arrumação lógica do problema, e em larga medida, ir para a produção de leite em natureza, visto aqui existirem os mais altos custos de produção.

Por seu turno, as ilhas, com a sua grande fertilidade e um clima bastante propício à produção de leite, aliado a uma estrutura de produção mais equilibrada, conduzem-nos a preços de custo mais baixos, e, por isso, com inegáveis e até mesmo excepcionais condições para um aproveitamento industrial vantajoso, e de tal forma que com facilidade se poderá bater com qualquer região da Europa.

O despacho ministerial sobre fomento pecuário é, de facto, um documento valioso posto à disposição da produção do leite. Que os homens, as Organizações da Lavoura e os Serviços Oficiais competentes o saibam compreender e tirem dele o maior proveito uns, e ponham outros nelé um motivo de acção fecunda, dentro de um indispensável espírito de unidade, fundamental na defesa dos legítimos interesses da Lavoura que representam ou assistem.

Nessa altura, terão provado à evidência o verdadeiro espírito do adágio, dando-lhe o sentido que geralmente dele se tem. Então, poder-se-á de facto afirmar que o «leite» da sorte... estará na «galinha» de o não ter.

TRABALHOS

E. M

OUTUBRO

Ainda não chegou ao fim uma faina e já outra começa. Completam-se sementeiras de trevo e outras leguminosas, para forragens ou para adubação verde, de azevens em terras bem preparadas, que mais

NOS CAMPOS

fácil será depois o corte à gadanha ou à gadanheira mecânica. Da mesma forma se acabam as sementeiras já iniciadas de ferrejos de cevada, aveia e centeio, de serradela, bersim, etc.. As ferrãs dum cereal misturadas com uma leguminosa dão forragem excelente e abundante para ensilar ou para feno.

Continua a preparação das terras e iniciam-se as sementeiras dos cereais de pragana. Não esquecer a desinfecção das sementes, prática indispensável e já hoje bem do conhecimento do lavrador.

Continuar, em terras bem preparadas e com boa expansão as sementeiras dos nabais e cuidar dos já nascidos que podem precisar de nitratagens de cobertura.



Em ano de maturação tardia como este, iniciar as vindimas tendo o cuidado de determinar a sua melhor altura pelas determinações da

NAS VINHAS

riqueza sacarina. Igualmente a colheita da uva de mesa ou de banca se deverá fazer na altura própria.

Antes da colheita deve haver o cuidado de marcar as melhores cepas, aquelas que todos os anos apresentam produção mais regular, maior resistência às doenças e mais perfeitas características da casta, para de futuro fornecerem os garfos ou puas para as enxertias.

Desmadeirar antes das chuvas fortes e continuadas para evitar a deterioração da «madeira».

Fazer a escava de água depois da vindima e desmadeira.



Fazer os vinhos brancos de consumo verdes ou maduros, de bica aberta; e prensar prontamente a massa ou protegê-la com solução sulfurosa, se

NOS LAGARES

tiver de manter-se algum tempo ao ar; aplicar sulfuroso aos maduros ou verdes, ou beneficiados de curtimenta, antes de começar a fermentação, à medida que as uvas vão sendo esmagadas sobre os balseiros, lagares, tinas ou dornas e tonéis; e corrigi-los conforme as necessidades.

Nas destilarias, ou alquitarras, queimar ou destilar os bagaços ou vinhaços depois de espremidos ou entulhados alguns dias;—espremê-los à saída das colunas ou caldeiras para aproveitar-lhes o cremor;—crivá-los e secar cuidadosamente o folheto e a grainha, que são bons alimentos para os animais domésticos.



Colher avelãs, castanhas, nozes, romãs e a fruta fresca de Inverno (maçãs e peras); e ainda, na Madeira, abacates, anonas e mangos ou mangas.

NOS POMARES

Podar, limpar, esmondar as fruteiras de caroço, especialmente amendoeiras e pessegueiros e, para o fim do mês, também já as ameixoeiras; — «abrir» as nespereiras do Japão, que ainda não tenham começado a florir.

Pulverizar os citrinos ou fruteiras de espinho com as caldas, convenientes (cúpricas ou oleosas, conforme as pragas).

Fazer, às bananeiras, na Madeira a última aplicação de adubos ou guanos; — praticar a sacha de preparação do Inverno ou a monda, se houver ervas; — limpar os cachos e eliminar as folhas secas.



Preparar terrenos, cavando-os ou lavrando-os e estrumando-os bem.

Semear, em viveiro ou alfobre, alfaces de cortar e repolhuda, alho francês

ou porro, cebola, cebolinho, cerefólio, couves (bróculo, flor temporã, galega, nabiça ou de grelo, repolho e tronchuda).

NAS HORTAS

Semear, no lugar definitivo, ervilha, fava e lentilha, das variedades mais afamadas e com as sementes desinfectadas, não esquecendo que estes legumes apreciam a cal e, por isso, deve fornecer-se-lhes onde os terrenos a não possuam em quantidade suficiente; coentros, agriões, espinafres, nabos precoces e rabanetes.

Plantar, às primeiras águas, couve galega em abundância, porque é um precioso recurso alimentar para pessoas e animais; — e couves diversas (couvão da Póvoa, couve portuguesa, repolho «d'Étampes», «coração de boi», etc.), se as houver em viveiro ou for possível adquiri-las.

Plantar alhos, sabendo que «quem deseja boa alheira, planta-a na sementeira».

Sachar ou tapar couves de cabeça (penca, repolhos, etc.) e de flor e bróculo e fertilizá-las com estrume bem curtido, preferivelmente de ovelha ou de cabra; — sachar também alcachofras e estrumá-las identicamente para produção temporã.

Na Ilha da Madeira semear feijões para vagem tenra ou vaginha, a colher em Dezembro; abóboras para colheita também em Dezembro, ainda verdes; tomateiros, em local abrigado para os primeiros fornecimentos; alfaces e cebolas; — plantar couves diversas, batatas ou sementes, para arrancar em Janeiro-Fevereiro e morangueiros.



Preparar canteiros com cavas, correcções e estrumações.

Semear açafates-de-prata, amores perfeitos, assembleias, ásteres, begónias sempre-em-flor, bocas-de-lobo, calêndulas,

casadinhos, centáureas, chagas, cinerárias, clárquias, cravinas, cravos dobrados,

ervilhas-de-cheiro, esporas, estatices, estrelas do Egipto, flox ou flamas, galhardas, gazão (relva), godétias, goivos, gotas-de-sangue, leucantemo, linho encarnado, lobélia, malmequeres anuais, malmequeres-de-palha, malvaíscos, maravilhas, margaridas, matricárias, mimulos ou palhaços, miosótis, paciências, papoulas, pentastémono, piretro dourado, primulas-dos-jardins, ressêda, salveas, saudades, schizanthus, sempre-vivas, sinécio, statices, verbenas.

Plantar açucenas, amarilis, anémonas, borboletas, coroas imperiais, crocos, flores de quaresma, frésias, íris, ixias, jacintos, junquinhos, lírios, narcisos, palmas-de-Santa-Rita, rainúnculos, tulipas.

Podar roseiras, lilases e outros arbustos de floração temporã.



Semear matos melhorados — giestas (amarela ou branca), piornos e tojos, em terrenos livres ou nas calvas dos matos já existentes.

Continuar a abertura de covas para as plantações de Outono e Inverno. Começar com as plantações após os primeiros dias de chuva intensa. Não deixar as árvores expostas ao rigor do tempo. Devem plantar-se imediatamente após o arranque do viveiro. Não sendo possível ter ao menos o cuidado de as abacelar.

Dar prioridade à plantação de resinosas, deixando as folhosas para mais tarde, após a queda da folha.

Semear penisco, a lanço ou a covacho, procedendo à prévia preparação do terreno. Duma boa preparação depende muitas vezes o êxito da sementeira. Não semear sem saber o poder germinativo e grau de pureza da semente, factores indispensáveis para a determinação da quantidade a utilizar. Semear lande e castanha japonesa.

Preparar terriços para as primeiras sementeiras e sobretudo as da Primavera.

Estrumar e corrigir os canteiros ou talhões destinados a receber sementes, estacas ou barbados. Semear já: amendoeiras, ameixeiras, pessegueiros e nogueiras; e também eucaliptos, nas zonas quentes do sul.

Estratificar sementes (caroços, castanhas e pevides) para sementeira na Primavera.

Nos viveiros florestais cuidar do arranque das árvores e da sua embalagem. Destas operações depende muitas vezes o sucesso da plantação. Nunca deixar as raízes expostas ao tempo, principalmente às geadas nocturnas ou ao sol e protegê-las com uma mistura de terra, água e excremento de bovinos.

Apanhar a azeitona, que vai caindo e que já esteja arruçada ou preta, e até a verde, que pode aproveitar-se para alcaparras.

Semear para adubação em verde:

NAS MATAS E NOS MATOS

★

NOS VIVEIROS

NOS OLIVAIS

cizirão, fenachos, garroba e tremoços. Abrir covas para a plantação no fim do Inverno.

★
Depois de retirados os estrumes para as sementeiras da época, enchê-las de novo para as sementeiras ou plantações do fim do Inverno;

—intensificar a produção de estrumes artificiais, recorrendo, conforme os casos, a chorume ou água choca natural ou artificial, ao gesso ou a activadores da fermentação humifera.

★
Proceder à selecção ou escolha, se ainda não foi feita, dos grãos destinados à sementeira.

NOS CELEIROS

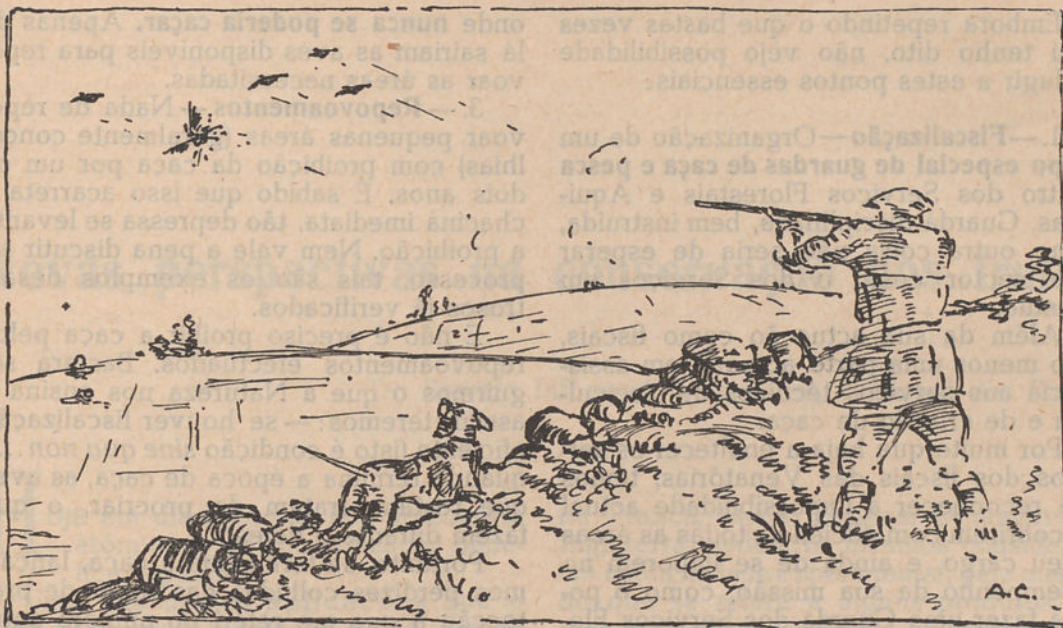
Arejar os celeiros reais para evitar a traça e o gorgulho; e, se aparecerem, combatê-los com sulfureto de carbono ou qualquer produto eficaz menos perigoso ou inofensivo.

★
Envasilhar os vinhos, que vão sendo obtidos, em vasilhas irrepreensivelmente limpas, acompanhando o desdobramento do açúcar pelo abaixamento gradual da densidade.

NAS ADEGAS
Ir enchendo as vasilhas de vinho branco que fermentaram em vazio, à medida que a fermentação acaba. Acabar por atestá-las convenientemente. Ao acabar a fermentação taninar convenientemente.

Trasfegar os tintos, especialmente os contidos em cubas de cimento, 15 dias após a encuba.

Vigiar as vasilhas e calafetá-las prontamente se verterem; — lotar também os tratados ou beneficiados, para que a aguardente fique desde logo bem encorporada.



CAÇA E PESCA

Casa onde não há pão...

Por ALMEIDA COQUET

ESTAVA um pouco longe de supor — quando em artigos anteriores me tenho referido à situação difícil que atravessamos em matéria de caça — que fosse tão longe a desorientação em todos os sectores intervenientes no assunto. Mas nos últimos tempos, o que tem vindo a público é edificante.

Continuando o titulo acima — do aforismo revelho — direi que **todos ralham**, e pergunta-se: sem razão? com razão?

Quem puder ou souber, que responda. O que não posso deixar de focar, é o espectáculo lamentável oferecido ao público, por vezes com a faceta de escandalosinho, com agressões nervosas a este e àquele, sem que daí resulte o mínimo ganho para o que se pretende atingir: — **Protecção à caça e regulamentação do desporto venatório.**

Mas regulamentação adequada à época, não só presente como futura, e não de-calcando palavriado do que foi legislado há dezenas de anos, nem propondo solu-

ções fantasistas com o rótulo de novidades milagrosas.

E a par disto, fico espantado de tanta ingenuidade, ao ler na imprensa da especialidade ou diária, rogos ardentes para que se publique sem perda de tempo aquilo a que por aí se chama a **nova lei** (?), que de nova nada tem.

Como se isso bastasse...

Estarão cegos os que só isso pedem? Não lhes basta o exemplo da pesca nas águas interiores, com *uma lei nova em folha*, sem que dela resulte qualquer benefício, justamente porque falta o principal, a **guarda abundante** para a devida assistência e fiscalização?

De que serve proibir-se o crime, se não há agentes para o reprimir?

Todos os interessados no assunto têm o legítimo direito e liberdade de discordarem do que, quanto à caça, por aí se vai fazendo... ou desfazendo. Mas isso não implica que se faça apenas politica destrutiva.

Embora repetindo o que bastas vezes aqui tenho dito, não vejo possibilidade de fugir a estes pontos essenciais:

1.—**Fiscalização**—Organização de um **corpo especial de guardas de caça e pesca** dentro dos Serviços Florestais e Aquícolas. Guarda disciplinada, bem instruída, como outra coisa não seria de esperar dum sector como o dos Serviços em questão.

Além da sua actuação como fiscais, pelo menos uma parte actuaria em assistência aos serviços técnicos de piscicultura e de criação de caça.

Por muito que haja a enaltecer os serviços dos fiscais das Venatórias, temos que reconhecer a impossibilidade actual de cobrirem com eficiência todas as áreas a seu cargo, e ainda de se imporem no desempenho da sua missão, como o poderá fazer uma Guarda dos Serviços Florestais, a Guarda Republicana ou outra corporação mais ou menos militarizada.

E ainda menos, quando se utilizam pessoas sem noção dos seus deveres, como no caso recente de agentes que mataram uma corça...

2.—**Protecção à caça**—Podem dar-lhe as voltas que quizerem, mas não é com terrenos coutados por particulares que vamos salvar a perdiz da sua extinção. Nesses locais, haverá sem dúvida perdizes—mais ou menos—porque os seus donos delas necessitam, quer para caçadas, quer para negócio. Mas isso é uma coisa particular e no resto, ficaremos a *ver navios*.

Se se pretende obstar à extinção da perdiz—e digo a perdiz por ser a peça principal na nossa cinegética—teremos de procurar uma solução à escala nacional, e não uma coisa mesquinha, miúda, em guisa de *remendos*, aqui e acolá. Para manta de farrapos, já bastam os actuais decretos e portarias que pesam sobre o desporto venatório.

Vamos para a criação de umas tantas zonas, vastas, amplas, com todas as condições necessárias, para a criação e vida da perdiz (e doutras espécies). Quatro dessas zonas na metrópole, deveriam ser suficientes. Na América do Norte chamam-lhe *santuários de aves* (birds' sanctuaries). Para nós, zonas de protecção,

onde **nunca se poderia caçar**. Apenas de lá sairiam as aves disponíveis para repovoar as áreas necessitadas.

3.—**Repovoamentos**—Nada de repovoar pequenas áreas (geralmente concessões) com proibição da caça por um ou dois anos. É sabido que isso acarreta a chacina imediata, tão depressa se levanta a proibição. Nem vale a pena discutir tal processo, tais são os exemplos desastrosos já verificados.

E não é preciso proibir a caça pelos repovoamentos efectuados. Bastará seguirmos o que a Natureza nos ensina e assim, teremos:—se houver fiscalização eficiente (isto é condição *sine qua non...*), quando termina a época de caça, as aves que restam, tratam de procriar, o que fazem durante o defeso.

Portanto, se terminada a caça, lançarmos perdizes colhidas nas zonas de protecção a que me referi no número anterior, elas tratarão de criar, e na época de caça seguinte, apresentarão o melhor possível os ranchos da sua descendência, como o teriam feito nas zonas de protecção.

E vem a propósito condenar hoje em dia, o processo antigo de ir apanhar perdizes em Trás-os-Montes ou na Beira Alta, para as vir lançar aqui às portas do Porto, ou coisa que o valha. Sé noutros tempos havia tantas perdizes lá para cima, que não fazia falta uma colheita de 200 ou 300 casais, há muito tempo que se não justifica essa prática, mesmo que se trate só de duas ou três dezenas de casais, com a agravante de que desfalcamos o stock destinado à caça.

4.—**O coelho**—É absolutamente necessário procurar desenvolver o povoamento de coelhos.

A mixomatose não impossibilita hoje em dia o desenvolvimento desta espécie cinegética. Em muitas regiões de países que também foram afectados pela epidemia, volta a haver colónias abundantes de coelhos já imunes.

E torna-se preciso o desenvolvimento do coelho, principalmente pelo grande número de caçadores que preferem essa caça a qualquer outra.

5.—**Receitas**—Não é possível encarar mais a repartição das receitas provenientes

(Conclui na pág. n.º 760)

Novas perspectivas na conservação dos frutos

Do Serviço Informativo da Junta Nacional das Frutas

HOJE em dia muito se fala de energia atômica e na sua utilização benéfica e pacífica.

Uma das muitas aplicações que o homem se propôs estudar e que merece começar a ser divulgada para que todos, de um modo quase geral, se vão habituando a considerar aquela energia como uma fonte de construção e não de destruição, é o da conservação dos alimentos por irradiação.

Desde remota data que a conservação dos alimentos tem sido objecto de constante preocupação para o homem. Vários processos foram surgindo, muitos dos quais ainda hoje são usados, como aqueles em que a conservação é assegurada pelo sal, fumo, vinagre, secagem, etc.. Porém, o maior incremento foi dado logo após os trabalhos de Appert, que nos legou o processo de esterilização pelo calor e, muito principalmente, depois dos estudos de Pasteur.

Em face da segurança e perfeição garantidas pelos processos de esterilização e pasteurização, parecia que se tinha alcançado o último capítulo neste assunto, mas o homem é insaciável e, de pesquisa em pesquisa, já outros meios se encontram em estudo, e tudo leva a admitir que, as futuras pasteurização e esterilização sejam efectuadas não pelo calor ou pelo frio, mas sim por radiações ionizantes.

Se bem que estes estudos contem já uma dezena de anos, na América, e mais recentemente na Europa, em particular,

na França, Suíça, Bélgica, Dinamarca e Inglaterra, podem os mesmos considerar-se ainda na fase experimental, pelo menos no que se refere a alguns produtos alimentares, nomeadamente os frutos.

A par do entusiasmo e dos trabalhos efectuados por muitos cientistas, surge o problema de vencer a relutância do público consumidor pelos alimentos irradiados, por não ser bem conhecida ainda a acção que as radiações possam ter no organismo humano. Evidentemente, este tem sido, desde o início, um dos grandes problemas que têm interessado muitos investigadores, e por isso faz parte, exactamente, da primeira série de pesquisas, o avaliar da toxicidade e do valor alimentar dos alimentos irradiados.

No decurso dos seus estudos, verificaram já os investigadores americanos que os alimentos tratados por radiações gamma (cobalto 60), ou por reactores de energia superior a 10 MeV, não possuem radioactividade mensurável.

Os resultados obtidos têm, pois, sido coroados de êxito, a tal ponto que, em 1961, o Canadá permitiu o consumo de batatas irradiadas e, em 1963, os Estados Unidos seguiram-lhe o exemplo, autorizando a venda, para consumo público, de toucinho fresco irradiado.

Dos vários produtos alimentares ensaiados, destacam-se a carne, o peixe, alguns frutos e produtos hortícolas e ovos, estes últimos para a eliminação da salmonela.

Relativamente a experiências realiza-

das com frutos, farei, de seguida e resumidamente, algumas referências.

Numa primeira série de trabalhos sobre morangos, framboesas e ameixas, levadas a cabo no *Institut de Sciences Atomiques en Agriculture*, de Wageningen, foi verificado que o tempo de armazenamento dos morangos era consideravelmente aumentado, quando submetidos a uma determinada dose de radiações, e que tanto o sabor como a riqueza em ácido ascórbico não eram afectados, além de se conseguir uma pequena melhoria na consistência da polpa dos frutos irradiados em relação à dos não irradiados.

Igualmente foi assinalada melhoria de consistência da polpa das framboesas e ameixas, em relação às não tratadas, e ainda foi verificado que a percentagem de frutos embolorecidos era bastante menor nos irradiados. Nas framboesas, foi determinada uma diferença de 90 o/o para 53 o/o, e, nas ameixas, de 81 o/o para 14 o/o, no fim de cinco dias de armazenamento a 20° C.

Outros frutos têm sido submetidos a experiências semelhantes, como maçãs, peras, cerejas, laranjas, figos, uvas, pêssegos, bananas, etc..

Em 1961, os investigadores dos Estados Unidos, onde os estudos levam um certo avanço aos da Europa, afirmavam que o método satisfazia tecnicamente e que certamente a irradiação dos morangos, pêssegos, citrinos, uvas e tomate traria vantagens económicas e facilitaria a distribuição.

Experiências mais recentes, realizadas com laranja, na Universidade da Califórnia, têm conduzido a resultados muito satisfatórios. Foi verificado que neste fruto, o teor em ácido ascórbico não era praticamente afectado quando submetido a uma certa dose de radiações e que se mantinha elevado durante a armazenagem, conservando o fruto o seu aspecto externo e interno normal.

Na referida Universidade, foi ainda assinalado que os pêssegos são muito sensíveis, as peras e uvas são duma resistência média, ao passo que os morangos são os frutos mais resistentes às radiações ionizantes. Igualmente os resultados das experiências efectuadas com figos,

a fim de evitar podridões internas, foram animadoras, pois foi determinada, no fim de uma semana de armazenagem a 20° C. uma diferença de 36 o/o (ensaio testemunha) para 9 o/o de frutos tratados com certa dose de radiações (450 Kilorad.).

Logo no fim do primeiro ano de investigações, na Califórnia, os técnicos concluíram que, com morangos, figos, pêssegos, cerejas e algumas castas de uva preta, os resultados eram prometedores.

Também os estudos realizados na Dinamarca permitiram concluir que a duração de certos frutos, como o morango, framboesa, ameixa, maçã e tomate, armazenados a baixas temperaturas, após tratamento com doses pasteurizantes de raios gamma, era aumentada. Desta série de frutos ensaiados neste país, foi com o morango que se obtiveram melhores resultados, a ponto de o investigador dinamarquês considerar este fruto o único que oferece «perspectivas interessantes».

De facto tem sido o fruto mais ensaiado nos diversos países.

Em França, os investigadores do *Institut de la Recherche Agronomique* mostraram-se mais reservados devido aos resultados obtidos principalmente com pera e maçã. De resto, são os próprios franceses que afirmam terem alcançado resultados mais nítidos e melhores com os frutos de polpa branda e não revestidos de casca espessa. Verificaram já, também, que a conservação dos frutos radiopasteurizados, como alperche, pêssegos e tomate, pode ser aumentada de um mês.

Evidentemente que neste aumento do período de conservação dos frutos frescos irradiados devem ter influência outros factores como o estado de maturação, o tempo decorrido entre a colheita e o tratamento, as condições de transporte e manipulação, temperatura antes, durante e depois da irradiação, intensidade da mesma, etc., factores que têm sido igualmente tomados em linha de conta nas experiências em curso nos vários centros de estudo, pois qualquer deles pode alterar a eficiência do processo.

Nestes diversos trabalhos citados tem havido não só a preocupação de aumentar o período de duração do fruto fresco, mas também o de lhes conservar os

MIRANTE

TOIROS

Pelo CONDE D'AURORA

ENQUANTO a Sociedade Protectora dos Animais, punhado muito minoritário de lusitanos, se bate pela continuação das touradas em Portugal sem morte do toiro, a grande falange dos aficionados contenta-se em ir dispendiosa e dificulosamente a Espanha ver toiros, ou ir às vezes nas noites de menos frio, ao Campo Pequeno, ver um ensaio de figuração taurina, sem picadores e com morte simulada.

E a maioria vai ao futebol, não por afição, não por desporto mas por clubismo: torcer por torcer para que, a bem ou a mal, ganhe o seu clube.

E a grande corrida à portuguesa, com os nossos notáveis cavaleiros, João Núncio à cabeça! — e os nossos valentes forçados, vai caindo no hibridismo de 50% do espectáculo à semi-espanhola — sem picadores e sem morte do toiro.

Eu que aprecio umas e outras, as corridas à portuguesa e as corridas à espanhola, mas sem mistura, sem confusão — contento-me em ver metade da toirada do nosso País, aborrecendo-me na outra metade, e atravessando a fronteira para ir admirar a festa em Espanha.

Acabo de ver actuar António Ordoñez — e raler umas páginas de meu saudoso amigo e mestre José Ortega y Gasset, publicadas após a sua morte, onde aquele grande filósofo nos descreve com a maior clareza o que é a arte de tourear.

Citando um mau verso de Zorrilla

"El diestro es la vertical;
el toro, la horizontal"

ensina aquele escritor em princípio geométrico o que seja o verdadeiro toureiro.

E' o teorema de que à medida que a horizontal seja mais curta, porque o seja no absoluto ou porque uma maior velocidade a tal a obrigue, a horizontal vai-se assemelhando à vertical e o toureiro será mais difícil.

Toda aquela arte que os espanhóis denominam temple e é o tempo musical do toureiro, consiste na compreensão do toiro pelo espada, compreender o instinto de investida da fera, a fúria que o leva a dirigir-se ao objecto que o provoca — e cabe ao matador dirigir essa fúria, tal qual como a economia de certos países da actualidade, nas próprias palavras de Ortega y Gasset.

Compreender a investida do toiro a todo o momento e consoante se efectiva, o que representa uma compreensão genial, espontânea e quase instintiva entre o homem e o toiro.

Ou seja: tourear bem é não desperdiçar nada da fúria do toiro e absorvê-la na íntegra.

E temos assim o toureiro não apenas geométrico, mas psicológico.

Aplique-se a tal a arte da coreografia frente ao toiro — e teremos a imagem perfeita da tauramaquia.

E termino exclamando: que é dele, dos aficionados da minha terra de Portugal?

caracteres organolépticos e o valor nutritivo, pois o problema da comestibilidade dos alimentos irradiados não podia ser descuidado. Como, porém, na grande maioria, os resultados dessas experiências visando alterações bioquímicas nos compostos nutritivos (vitaminas e aminoácidos), inocui-

dade sob o ponto de vista microbiológico, toxicidade ou poder cancerígeno possíveis, têm sido favoráveis, pode reafirmar-se que, num futuro mais ou menos próximo, a conservação dos alimentos será garantida por rádio e rádio-esterilização.

Serviço de CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sérgio Pessoa, Méd. Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Duílio Marques, Eng. Agrónomo—*Director da Estação Agrária do Porto*; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo—*Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Núncio Bravo, Eng. Agrónomo—*Director da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo—da *Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo—*Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

X — LEITARIA

N.º 83 — Assinante n.º 41 595 — Tondela.

CONSERVANTES DO LEITE

PERGUNTA — Tenho vacas turinas e o leite é comprado por uma fábrica de lacticínios; os empregados dão um líquido para deitar no leite que corrompe as folhas e a roupa. Não haverá outro produto que não tenha estes defeitos?

RESPOSTA—A legislação portuguesa não autoriza que se adicione qualquer substância ao leite com o fim deste não se alterar. Por isso não podemos indicar outro produto.

Calculamos que se trate de água oxigenada a 130 volumes, produto que em determinados países é tolerado, ou autORIZADO. — *Carrilho Chaves*.

XIX — MEDICINA VETERINARIA

N.º 84 — Assinante n.º 43 646 — Viseu.

VACAS TURINAS ATACADAS DE MAMITE, MASTITE OU DADA

PERGUNTA — Já há alguns anos que exploro uma pequena propriedade agrícola, possuindo uma vaca leiteira.

Acontece, porém, um caso que me trás algo intrigado, sem saber a que atribuir, e que passarei a expor:

É já a 3.^a ou 4.^a vaca leiteira que tenho de mandar abater pelo motivo de lhe aparecer uma inflamação no úbere que lhe faz secar o leite. Claro que eu sei, através das consultas feitas por outros na «Gazeta», que há uma doença, a que vulgarmente se chama mamite.

Será esse o meu caso? Mas como acontece a todas as vacas que eu adquiero precisamente a mesma coisa?

Ainda há cerca de um mês uma novilha que era a segunda parição, apareceu-lhe essa inflamação; esteve bastante mal, pois julguei até que não a salvava; estava a dar, em média, 15 a 16 litros, e depois de curada passou a dar um litro e pouco.

Tentei tudo para ver se ela recuperaria, a dar não a mesma quantidade mas pelo menos metade do que dava. Foi inútil, pois apesar de se alimentar bem, nada consegui, tendo de a vender para matar.

Esta vaca havia parido há cerca de 4 meses quando isto aconteceu.

A seguir, compro outro animal, mas esta uma rica vaca. Nova, parida há cerca de um mês, que estava a dar uma produção de leite da ordem dos 23/24 litros, sem o filho, pois comprei-a sem o filho, que nunca mamou na mãe, e acontece-lhe precisamente o mesmo que tinha acontecido à outra a que atrás me refiro: uma inflamação num teto, deixou de se alimentar, passando a dar 1 litro e meio de leite. Agora, já começou a alimentar-se, mas a produção de leite mantém-se no litro e pouco.

Mas não é só este caso. Cito os dois últimos. Creio que ainda não tive uma vaca leiteira a que não lhe acontecesse o mesmo. E não vejo qualquer motivo para isto.

O estábulo não é moderno. Os animais dormem sobre o mato que leva uma leve camada de

palha seca de centeio, a fim de evitar qualquer picadela de tojo que pudesse infeccionar os tetos do animal. Apesar de ser ainda o processo antigo, os animais nunca estão na lama ou sujidade, pois tenho o cuidado de ter sempre bem estrumado a fim de os animais não estarem sujos. A manjedoura é sempre limpa. O criado que trata desses animais julgo que segue as regras indicadas para a munjição.

Aguardo, se possível, uma determinação da causa e o que terei que fazer logo que tal aconteça, pois estou a ver que esta tem a mesma sorte da outra: ser abatida, o que realmente é pena, pois é uma novilha holandesa; se ela não reagir, tenho de a mandar abater.

RESPOSTA — Não sabemos a causa ou causas que ocasionam o deflagrar das mastites nas vossas vacas. Temos no entanto que admitir que não se deve tratar de casos fortuitos.

As causas das mastites são variadíssimas, desde as correntes de ar, as camas impróprias, os traumatismos vários, a má mungição, a falta de higiene, a infecção do estábulo, etc., isto causas externas. Há ainda as causas endógenas ou internas, mas que não são as causadoras neste caso.

Começaremos por indicar uma rigorosa limpeza do estábulo (tecto, paredes, chão, manjedouras, etc.), com soluto quente de Trosilina Bayer, na percentagem de uma colher das de sopa, para 10 litros de água. Deixar enxugar e proceder à caiação do tecto e das paredes, com cal a que se juntaram 20 gramas de «Halamid» por litro de água. Esta caiação desinfectante tem acção durante 6 meses.

Deverá ordenar a remoção dos estrumes. Se o chão não for de cimento, e for de terra batida, está indicada a desinfeccção com a cal e Halamid.

As camas devem ser feitas exclusivamente de palha, para evitar que os tojos, paus, cardos, etc., traumatizem o úbere.

Todos os dias se deverá deitar nas camas, que deverão ser removidas diariamente, um quilograma de Superfosfato de 18% em pó, por cada 10 a 12 quilogramas de palha fresca, ou sejam 150 a 200 gramas por metro quadrado.

O vaqueiro antes de iniciar a operação de ordenha, deverá escovar os membros posteriores e os flancos das vacas. A cauda deverá ser lavada e enxuta com

VINHOS-AZEITES — Executam-se todas as análises de vinhos e seus derivados, azeites, banhas, manteigas e todos os produtos de alimentação. Venda de todo o material de análises e reagentes, Cursos de aprendizagem de análises e tratamento de vinhos, Análises de recurso e peritagens em Laboratórios Oficiais, por técnico diplomado. Dirigir ao Estabelecimento **Vino-Vito**, R. Cais de Santarém, 10-r.º dirt.º — LISBOA — Telefone P. B. X. 27130.

um pano limpo. A seguir os membros posteriores e os flancos devem ser passados com um pano humedecido com água limpa. O úbere deverá ser lavado convenientemente com água e sabão. Seguidamente será enxuto com um pano limpo.

O vaqueiro deverá ter as mãos irrepreensivelmente limpas e desinfectadas. Unhas rentes. O desinfectante a empregar pode ser o soluto de lixívia (uma colher das de sopa para 10 litros de água), ou 3 gramas de Halamid para cada litro de água.

Os primeiros jactos do leite (limpeza mecânica dos tetos), deverão ser retirados para um púcaro, usado só para esse efeito. Nunca deitar estes jactos para o chão ou para a cama, para evitar que esta se possa conspurcar e infectar o úbere.

Antes da ordenha propriamente dita, os tetos devem ser desinfectados com os solutos que indicamos.

A ordenha executa-se alternadamente — um quarto anterior e outro posterior do lado contrário (cruzado). O leite deve ser tirado a fundo, isto é, até à última gota, pois a retenção do leite pode ser uma das causas das mastites.

Convém igualmente desinfectar as feridas, bilhas, etc., com os solutos já indicados.

O vaqueiro deverá fazer a ordenha sempre a horas certas. É conveniente que haja o maior cuidado com a limpeza do vestuário do vaqueiro.

Estamos convencidos que as causas destas mastites deverão ser exógenas, isto é, externas: camas, mãos do vaqueiro, estábulo, má mungição, correntes de ar, traumatismos, etc.

O emprego do estrume enriquecido pelo superfosfato, dispensa a aplicação directa no terreno, da parte do adubo

fosfatado que já tenha sido espalhada no estábulo, por isso, a sua aplicação se torna económica, pelos benefícios que proporciona. — *Carrilho Chaves.*

XXIII — DIREITO RURAL

N.º 85 — Assinante n.º 42 635 — *Guimarães.*

ÁGUAS SUBTERRÂNEAS

PERGUNTA — 1.ª — Há uma dezena de anos, uma proprietária mandou abrir um poço em terrenos confinantes com uns que hoje me pertencem e que foram herdados de meus pais, à distância de 2,6 m entre os dois terrenos.

No fundo do aludido poço mandou fazer uma mina para reserva de água, avançando com essa mina para dentro do meu terreno aproximadamente quatro metros.

Só agora me descobriram o segredo da fraude praticada conscienciosamente.

Posso mandar proceder juridicamente contra a actual possuidora do poço, também herdeira de sua mãe, pela fraude que esta cometeu?

Dentro dos meus terrenos e na perpendicular da mina em referência, posso mandar abrir outro poço para aproveitamento da mesma água, para rega dos meus terrenos?

2.ª — Tenho uma poça para represa de água de consortes dentro de um meu terreno, onde eu também tenho o meu quinhão de água. Contorna a referida poça por dois lados um caminho público, e do lado oposto a este caminho continuam outros terrenos que me pertencem. Desejava saber se nestes terrenos posso mandar abrir um ou mais poços para exploração de águas para rega dos meus terrenos.

A poça em causa, três dos lados do rectângulo são feitos de terra e com as limpezas habituais da mesma está a tomar um tamanho desconforme a que eu queria pôr cobro, e desejava saber em que condições o poderei fazer e se o tamanho actual pode ser reduzido dentro de certos limites.

RESPOSTA—A—1. Sem dúvida que a mina que os vizinhos do sr. Consulente abriram não podia ultrapassar os limites da propriedade.

Desde que ultrapassa esses limites pode o sr. Consulente pedir judicialmente que os actuais proprietários sejam condenados a reduzi-la, de modo a que não invada terreno alheio e ainda que inde-

mnizem o sr. Consulente pelos prejuízos que porventura causaram.

2. Permite, por outro lado, o art. 102.º do Decreto 5787 iiiii que cada um explore de qualquer modo as águas subterrâneas existentes em terrenos de que sejam proprietários, desde que não prejudiquem direitos de terceiro legitimamente adquiridos.

Ora, como vimos já, os vizinhos do sr. Consulente não adquiriram a água de terreno alheio que agora, com a aludida mina, usufruem, pelo que nada impede que o poço seja aberto na perpendicular da mina.

3. De qualquer modo, e para evitar uma actuação que, embora legal, tem o sabor de vingança — o que a tornará até certo ponto odiosa — será preferível que o sr. Consulente siga primeiro o caminho referido no n.º 1.º desta resposta à consulta formulada.

B—1. A resposta dada à 1.ª consulta (ver n.º 2.º) já responde em parte ao que o sr. Consulente pergunta. Aqui também o sr. Consulente poderá abrir os poços que entender em terreno de sua propriedade, desde que não prejudique direitos de terceiro, que neste caso serão, pelo menos, os direitos que os consortes têm à água que alimenta a poça.

2. Quanto ao 2.º aspecto da consulta, o sr. Consulente não é obrigado a suportar, em terreno seu, uma poça para represa de água cujas dimensões excedam as inicialmente previstas por todos os consortes.

Desde que, pela forma como esta foi feita, a sua área tenda a aumentar, pode o sr. Consulente reduzi-la às primitivas dimensões, ou repará-la de tal modo que as limpezas não modifiquem o seu tamanho. — *A. M. O. Pinheiro Torres.*

Todo o lavrador português tem inúmeras vantagens em assinar a *Gazeta das Aldeias*. Aconselhe-a aos seus amigos, a quem ela possa interessar.



INFORMAÇÕES

Calendário de Outubro

Durante este mês a duração do dia é de 11 h. e 48 m. em 1, e de 10 h. e 35 m. em 31.

DATAS	SOL		LUA	
	Nasc.	Pôr	Nasc.	Pôr
1 Sexta.	6.32	18.20	13.14	22.32
2 Sábado	6.33	18.18	14. 8	23.33
3 Domingo	6.34	18.17	14.56	*
4 Segunda.	6.35	18.15	15.37	0.18
5 Terça.	6.36	18.14	16.12	1.17
6 Quarta.	6.37	18.12	16.43	2.17
7 Quinta.	6.38	18.11	17.11	3.17
8 Sexta.	6.39	18.10	17.36	4.17
9 Sábado.	6.40	18. 9	18. 0	5.18
10 Domingo	6.41	18. 7	18.25	6.20
11 Segunda.	6.42	18. 6	18.50	7.23
12 Terça.	6.43	18. 4	19.19	8.28
13 Quarta.	6.44	18. 2	19.53	9.36
14 Quinta.	6.45	18. 1	20.32	10.45
15 Sexta.	6.46	18. 0	21.20	11.54
16 Sábado	6.47	17.58	22.18	12.58
17 Domingo	6.48	17.56	23.24	13.56
18 Segunda.	6.49	17.55	*	14.46
19 Terça	6.50	17.54	0.36	15.29
20 Quarta.	6.51	17.52	1.50	16. 4
21 Quinta.	6.52	17.51	3. 3	16.35
22 Sexta.	6.53	17.49	4.15	17. 4
23 Sábado	6.54	17.48	5.25	17.31
24 Domingo	6.55	17.47	6.35	17.59
25 Segunda.	6.56	17.45	7.44	18.29
26 Terça	6.57	17.44	8.52	19. 3
27 Quarta.	6.58	17.43	9.58	19.41
28 Quinta.	6.59	17.42	11. 1	20.23
29 Sexta.	7. 0	17.41	11.58	21.12
30 Sábado	7. 2	17.39	12.50	22. 6
31 Domingo	7. 3	17.38	13.35	23. 5

Q. C. em 2 às 12 h. e 37 m.; L. C. em 10 às 14 h. e 14 m.; Q. M. em 17 às 19 h. e 0 m.; L. N. em 24 às 14 h. e 11 m.;

Estado das culturas em 31 de Agosto

Informação fornecida pelo Instituto Nacional de Estatística

Durante o mês de Agosto o tempo decorreu muito seco e com temperaturas elevadas o que, de um modo geral, teve acção prejudicial sobre quase todas as culturas. Em muitos casos a extinção das disponibilidades de água para rega, aliada a uma queda pluviométrica praticamente nula, tornou a situação bastante comprometedor para as diversas culturas, quer de sequeiro quer de regadio.

As culturas de sequeiro, dadas as condições climáticas desfavoráveis durante o corrente mês, apresentam umas perspectivas muito pouco animadoras. Assim, calcula-se que as produções de milho, de feijão e de batata, esta última já em segunda estimativa de colheita, não ultrapassem, respectivamente, 49, 50 e 60 o/o, em relação às correspondentes colheitas do ano anterior.

Para estas mesmas culturas de regadio as perspectivas são um pouco melhores sem que todavia atinjam os quantitativos da última colheita. Tem-se assim que, em relação ao ano transacto, as produções de milho, de feijão e de batata devem representar 80 o/o para aquelas duas primeiras culturas e 83 o/o para a última.

Em primeira estimativa de produção avalia-se a colheita de trigo em 6427 milhares de quintais, o que representa um aumento de 9 o/o em relação à produção média do último decénio e de 41 o/o relativamente à do ano transacto.

Pelo que se refere ao centeio, a primeira estimativa de produção é avaliada em 2065 milhares de quintais o que, se nos reportarmos à média do último decénio, corresponde a um aumento de 20 o/o e, em relação à produção do passado ano, mais 23 o/o.

As segundas estimativas de produção dos cereais forraginosos—aveia e cevada—mostram-nos que, em relação ao ano anterior, houve um aumento substancial nestes dois cereais (mais 26 o/o e mais 34 o/o, respectivamente) avaliando-se os respectivos quantitativos em 1795 e 1016 milhares de hectolitros. Todavia, em relação à média decenal, nota-se uma quebra de 9 o/o para a aveia e de 13 o/o para a cevada.

Finalmente, para o grão-de-bico as perspectivas de produção são pouco animadoras pois avalia-se, ainda em primeira estimativa, um volume de produção da ordem dos 155 milhares de hectolitros o que representa cerca de metade das produ-

ções, tanto em relação à média do último decénio como ao ano anterior.

De um modo geral o mês de Agosto não foi favorável à cultura de arroz verificando-se o facto, já indicado no mês anterior, de terem de ser abandonados alguns arrozais por falta de água. Ao longo do mês efectuaram-se as últimas mondas tendo, nalgumas regiões, começado já a ceifa das formas mais precoces. Pelo que se refere à previsão da colheita de arroz deve ela situar-se num nível igual à média dos últimos dez anos, sendo portanto ligeiramente inferior à do ano transacto.

Tal como já se tinha indicado no mês anterior continuou a registar-se nos olivais, devido à escassez de reservas de água e à falta de chuva, abundante queda de fruto e fraco desenvolvimento dos existentes calculando-se todavia, que a presente safra exceda em cerca de 50% a colheita anterior.

As vinhas, devido aos rigores da estiagem, apresentam um aspecto nada animador pois, a par da queda prematura da folha, os bagos encontram-se pouco desenvolvidos pelo que a actual estimativa se agrava, reportando-nos à publicada no último mês, prevendo-se agora que a produção de uva apresente uma quebra de 5% em relação ao ano anterior, sendo praticamente igual à média do último decénio.

Os pomares apresentam frutificações abundantes mas devido ao excesso de calor e à extrema secura do solo os frutos são, normalmente, de reduzidas dimensões. Todavia são bastante elevadas as produções da maioria das fruteiras, nomeadamente, pereiras, macieiras e pessegueiros.

O panorama geral da alimentação dos gados é muito mau uma vez que as pastagens naturais se encontram praticamente secas e as forragens, cultivadas em terrenos normalmente regados, terem sofrido muito com a falta de água.

De um modo geral a concorrência às feiras e mercados de gado tem sido boa notando-se, todavia, pouca procura do que resultou uma apreciável baixa nos preços. Isto deve-se principalmente às condições de alimentação que, como atrás se disse, são bastante más.

Pelo que se refere aos principais produtos agrícolas os preços mantiveram-se sensivelmente iguais aos do mês anterior.

Continua a notar-se, mais ou menos em todas as regiões, carência de mão-de-obra rural não tendo os salários sofrido alterações apreciáveis em relação ao mês transacto.

Boletim Meteorológico para a Agricultura

fornecido pelo
Serviço Meteorológico Nacional
Influência do tempo nas culturas

1.ª década (1-10) de Setembro de 1965

A continuação do tempo seco tem agravado o estado das culturas de sequeiro, dos olivais onde continua a haver queda de fruto, das vinhas e dos milharais.

Continuaram as debulhas de cereais e a colheita de frutas e legumes, e começaram as vindimas em algumas regiões.

CAÇA E PESCA

Casa onde não há pão...

(Conclusão da pág. n.º 752)

tes do desporto da caça pelo modo que vem sendo praticado há muito.

O produto das licenças tem que reverter essencialmente a favor das despesas da fiscalização. Isto é que é lógico e tem justificação absoluta, doutra forma, como admitir que o caçador pague uma licença—que em nova legislação não pode deixar de ser mais elevada que a actual—e não tenha, em contrapartida, um certo povoamento de espécies cinegéticas de que necessita para prática do seu desporto?

6.—**Profissionalismo**—Esse problema tem que ser encarado de modo especial e à margem da parte desportiva.

Trata-se de um caçador profissional? Terá de pagar uma licença de custo muito mais elevado. Pois se o profissional pode caçar **todos os dias**, como manter o custo da sua licença igual à do caçador desportivo, que na sua esmagadora maioria só caça **uma vez** por semana?

Isto são coisas tão claras e de tão fácil compreensão, que parece incrível continuem esquecidas por quem tem obrigação de olhar pelo assunto com olhos de ver.

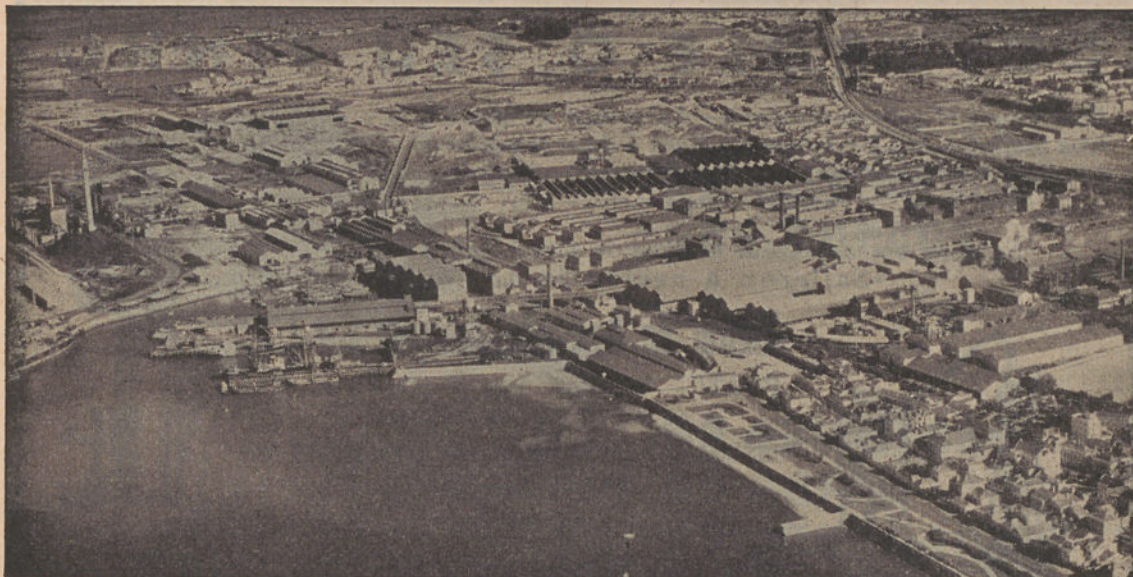
Vá, meus caríssimos confrades, ponham de lado questiúnculas e ressentimentos pessoais. Estudem bem estes assuntos, apreciem os prós e os contras desta ou daquela medida, lembrando-se que a grande família dos caçadores deve andar unida e trabalhar de comum acordo, para poder vir a obter resultados compensadores.

Há no meio da nossa corporação ovelhas más? E onde as não há?

Mas é fácil passar adiante sem lhes dar a atenção que procuram e de que resultarão só desentendimentos e querelas inúteis.

E volto a afirmar. Já estou no fim da vida (pelo menos de caçador) e se das ideias que defendo algum bem resultar, lembrem-se os mais novos que serão eles a colher os proveitos, nanja eu que já não chegarei a tempo...





FÁBRICAS DO BARREIRO

Prefira Insecticidas C. U. F.

Garantia de boas colheitas

VISENE — pó molhável contendo 50% de SEVIN

AZINFOR — líquido contendo 44% de AZINFOS-ETILO

— Ambos de comprovada eficácia no combate ao «Escaravelho da Batateira» e «Bichado» das Peras e Maçãs.

— o **VISENE** e o **AZINFOR** são compatíveis com o **MILDOR**, **ASPOR** e **TIEZENE** pelo que se podem **combater simultaneamente** o «escaravelho» e «mildio» nos batatais e o «bichado» e «pedrado» nas pereiras e macieiras.



COMPANHIA UNIÃO FABRIL

LISBOA — Avenida Infante Santo, 2

PORTO — Rua do Bolhão, 192

Depósitos e Revendedores em todo o País

3456

CONTROLE O SEU VINHO

Ebuliômetros — Termómetros — Aparelhos de destilação — Acidímetros Mathieu de 1-2-4-6 ensaios, para a determinação de acidez volátil nos vinhos — Alcoómetros — Densímetros — Pesa-mostos — Licores acidimétricos — etc. — etc.

Sempre em armazém artigos da Casa Dujardin-Salleron e nacionais de boa qualidade.

4147



Emílio de Azevedo Campos C.^a L. da

PORTO — Rua de Santo António, 137
TELEFONE, 20254/5

LISBOA — Rua de Antero de Quental, 17-1.º
TELEFONE, 553366



Material para Análise do Leite e seus derivados

Butirómetros e rolhas Fibú; Acidímetros Dornic; Lactodensímetros ou pesa-leites; Pipetas de Kipp e outras, Centrifugas, Balanças, etc., etc.

OS MELHORES ARTIGOS AOS MELHORES PREÇOS
PEÇAM-NOS TABELAS

O MELHOR CAFÉ
É O DA
BRASILEIRA

2854

61, Rua Sá da Bandeira, 91
Tels.: 27146, 27147 e 27148 — PORTO

(Envia-se para toda a parte)

PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**
ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ
Aplica-se nos bebedouros das aves e é **INOFENSIVO** para os animais domésticos
Com o desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam
Frasco pequeno - 12\$50 - Frasco grande - 50\$00
Vende-se em todas as farmácias, drogas, aviários, etc.

2892



DISTRIBUIDORES
GERAIS
**Vicente Ribeiro
& C.^a**

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, Dt.º
LISBOA

DESDE 3½ HP - 600 R.P.M.

MOTORES A ÓLEO

BAMFORD

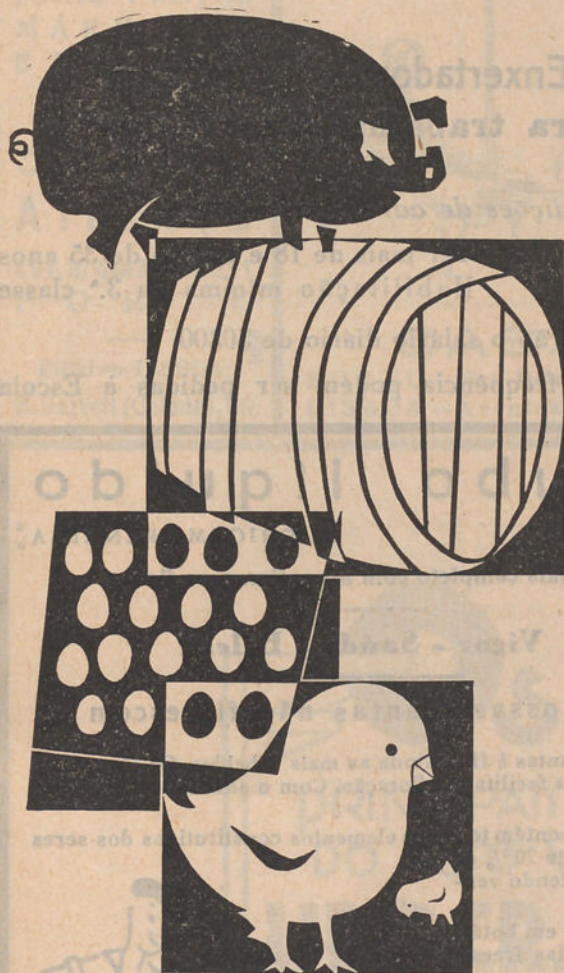
DIESEL

O MELHOR MOTOR INGLÊS PARA A AGRICULTURA E PEQUENA INDÚSTRIA

RESISTENTES SIMPLES FACIS DE MANEJAR ECONÓMICOS GARANTIDOS

JAYME DA COSTA L.^{da}
14 - R. dos Cordeiros - LISBOA
12 - P. da Batalha - PORTO

MECÂNICA E ELECTRICIDADE EM TODAS AS APLICAÇÕES



**Na chamusca
dos porcos**

**Na extracção
de sarro
do vasilhame**

Nas chocadeiras

**Nas criadeiras
de pintos**

4139



PROPACIDLA

**O MELHOR GÁS
AO SERVIÇO
DA INDÚSTRIA**

Escola Técnica de Alcobaça

Cursos de

**Podador de Fruteiras, Enxertador e Pomicultor
para trabalhadores rurais**

Prazo de inscrição:
até 15 de Outubro

Condições de admissão:

Ter mais de 18 e menos de 35 anos
Habilitação mínima da 3.ª classe

Os alunos dos cursos receberão o salário diário de 30\$00

As restantes condições de admissão e frequência podem ser pedidas à Escola

Solugène

4129

Adubo líquido

DE ORIGEM FRANCESA

O mais completo com aspargina para flores

Vigor - Saúde - Beleza

Se as vossas plantas não florescem...

O adubo SOLUGÈNE faz vir as plantas à flor, ainda as mais rebeldes. Os elementos fosfopotássicos eminentemente ionisáveis facilitam a floração. Com o adubo SOLUGÈNE a floração é certa.

Alimento substancial, SOLUGÈNE contém todos os elementos constitutivos dos seres vivos organizados e contém efectivamente 70% de materiais de origem animal e vegetal, fazendo vencer os organismos.

Citemos por exemplo, os crisântemos em botão, a frutificação do fruto sobre as enxertias fracas, aparição do fruto nos morangueiros, etc.

AZOTO TOTAL: 7% sendo 2,80 orgânica de proveniência vegetal e animal; 2,70 amoniacal; 1,50 nítrico - ACIDO FOSFÓRICO: 6% solúvel na água e o citrato de amoníaco alcalino dos fosfatos de amonia e de potassa.

Novidade sensacional garantindo às plantas: **Crescimento rápido - Floração - Colheitas record!**

DISTRIBUIDORES E
REPRESENTANTES:

Representações ANCEB, Lda.
R. França Júnior 253-Telef. 931920-Matosinhos



Com

TARTRIX

não tenha preocupação de vasilhas!...



acal

- Avenida Rodrigues de Freitas, 68 - PORTO

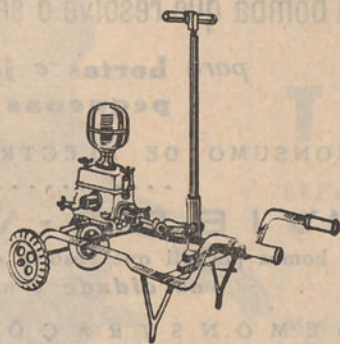
Se pensa em
JÓIAS-PRATAS
MÁRMORES
BRONZES

Pense V. Ex.^a na

Ourivesaria
Aliança

191, R. das Flores, 211
P O R T O

Filial em LISBOA:
R. Garrett (Chiado), 50



Material Vinícola

Bombas de trasfega de diversos tipos, esmagadores e prensas, máquinas de arrolhar, tubo especial para trasfega, ligações de metal, etc.

GRANDES SORTIDOS

CASA CASSELS

PORTO — Rua Mousinho da Silveira, 191 — Telef.: 28211-12-13
LISBOA — Avenida 24 de Julho, 56 — Telefone, 661778

os 6

PRINCIPAIS MOTIVOS
DO ALTO VALOR DA
UROCRASINA

- 1.º Dissolve e elimina o ácido urico
- 2.º Activa a diurese
- 3.º Regularisa a tensão arterial
- 4.º Facilita a circulação do sangue
- 5.º Combate a obesidade
- 6.º Desintoxica e rejuvenesce

UROCRASINA

O específico Anti-urico por excelência

2816



Agente Geral para Portugal e Ultramar:
J. L. Duarte de Almeida, Suc.ª
 Rua de S. Miguel, 61 — PORTO
 Telefone, 26515

a bomba que resolve o seu problema caseiro
 para **hortas e jardins,**
pequenas regas, etc.

4112

CONSUMO DE ELECTRICIDADE MÍNIMO

“VIBRO-VERTA”
 a bomba portátil que resolve o abastecimento de água
 na *cidade* e no *campo*

DEMONSTRAÇÕES GRÁTIS

MOTORES INDUSTRIAIS

GRUPOS ELECTROGÉNEOS
 A GASOLINA, PETRÓLEO OU DIESEL

- DE CORRENTE CONTÍNUA, PARA CARGA DE BATERIAS
- DE CORRENTE ALTERNA, PARA ILUMINAÇÃO,
 RÁDIO-TELEVISÃO OU PARA ELECTRO-BOMBAS

DIVISÃO MARÍTIMA E TÉCNICA

C. SANTOS, S. A. R. L.
 TRAVESSA DA GLÓRIA, 17—LISBOA

4138



As mais seleccionadas árvores de fruto
As melhores sementes de flores e de horta
As mais lindas ROSAS premiadas em Con-
curso Internacionais
Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, etc.

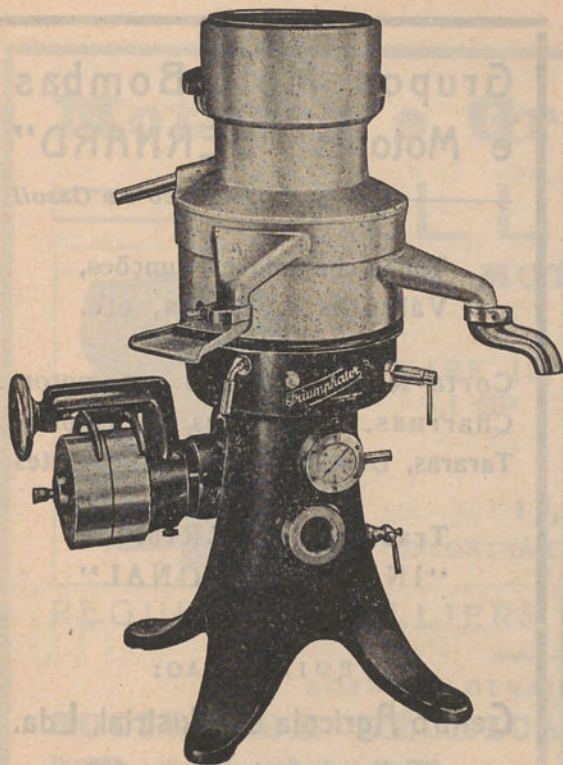
Alfredo Moreira da Silva & F.ºs, Lda.
 Viveirista autorizado n.º 3

4151

Rua D. Manuel II, 55 — PORTO

Telef. 21957

Teleg. «Roselândia»-Porto



TRIOMPHE

SEPARADORA-CLARIFICADORA PARA
AZEITE E CALDAS OLEAGINOSAS

MÁQUINA SUÍÇA DE PRECISÃO

Modelos com motor eléctrico e transmissão

O mais aperfeiçoado, simplificado e moderno dos
diversos tipos existentes

Recomendada para lagares de azeite

4113

DIVULGADA POR TODO O PAÍS

Importadores exclusivos:

Av. Almirante Reis, 80-B a 80-E

Telef. 52360 — LISBOA - 1

Sociedade Industrial Agro-Reparadora, L.da

Antes da vindima pense no que precisa:

- **Tartrix** — para lavar e desinfectar vasilhas
- **Wino** — o mastique ideal de empostigamento e repasses
- **Densímetro acal**
- **Acidímetro acal**
- **Cristais de enxofre** (Metabisulfito de potássio)
- **Solução sulfurosa** ou **sulfuroso líquido**
- **Ácido tartárico**
- **Ácido cítrico**
- **Goma laca**, etc., etc.

4048



e peça à **acal** — Avenida Rodrigues de Freitas, 68 — PORTO
que lhe enviará, a pedido, grátis, o folheto

CONSELHOS SIMPLES PARA O FABRICO DE VINHOS

VITAMEALO

a ração vital
para os seus animais



GANHE MAIS
NO LEITE
NA CARNE
NOS OVOS



As farinhas VITAMEALO
contêm, convenientemente
equilibrados, todos os elementos
nutritivos de que o gado ne-
cessita e são fabricadas segundo
as normas técnicas que, há mais
de 40 anos, têm imposto, pela
sua qualidade, as rações In-
gletas VITAMEALO em todo
o mundo. Os nossos Serviços
Técnicos estão à sua disposição
para quaisquer esclarecimentos.



VITAMEALO PORTUGUESA, S.A.R.L. AV. VISCONDE VALMOR 46-2º Esq. LISBOA-1

4067

Grupos Moto-Bombas e Motores "BERNARD"

a Petróleo e a Gasoil

Tubos chupadores, Junções,
Válvulas de pesca, etc.

Corta-Relvas manuais e a motor,
Charruas, Semeadores, Sachadores,
Tararas, Descaroladores e Sementes

Tractores "OCRIM" e
"INTERNATIONAL"

PEDIDOS AO:

Centro Agrícola e Industrial, Lda.

307, Rua de Santa Catarina, 309
Telef. 25865/6 PORTO Teleg. AGROS

2747

Os produtos da

UMUPRO

LYON-FRANÇA



HELICIDE GRANULÉ— Produto eficaz-
simo na extinção dos caracóis, à base de
metaldeído;

UMUCORTIL GRANULÉ— Para combate
aos ralos, à base de clordane;



são distribuídos em Portugal por

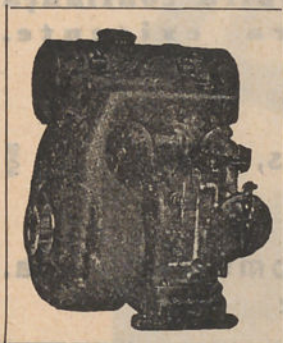
Ferreira, Rio & C.ª, L.ª

Rua do Almada, 329-1.º—Telef. 23007—PORTO

3189

Motores e Grupos de Rega

VILLIERS



MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40
1,1 HP 2 HP 2,4 HP 3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2" 2" 2 1/2" 3"

ENCONTRÁ-LOS-À NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A
Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F
Telef. 53393 3532

Viveiros da Quinta do Tamariz

Os maiores viveiros do Norte do País, com a maior selecção de barbados americanos e árvores de fruto. Plantas talhadas; coníferas; arvoredos; arbustos para jardins; plantas para sebes; roseiras; trepadeiras; etc., etc.

Serviços de assistência técnica. — Instalação de pomares. — Ordenação de propriedades e surribas.

No seu próprio interesse visite os n/ viveiros.

PEÇA CATÁLOGOS GRÁTIS

Sociedade Agrícola da Quinta do Tamariz, Lda.
Carreira — Silveiros (Minho) Telef. 96271 — NINE

Colha a UVA no momento próprio, determinando-o por meio de um



Refractómetro

operação fácil e económica

acal — Avenida Rodrigues de Freitas, 68 — PORTO

Um bom aumento de Rendimentos Agrícolas

é obtido por adubação orgânica e químico-orgânica (base de farinha de peixe), da acreditada marca «SEREIA», a qual inspira confiança à lavoura exigente.

S E R E I A

Fábrica de Adubos Orgânicos, Lda.

Breyner-SEIXAL

Agentes Gerais: Aliança Agrícola e Comercial, Lda.
Calçada do Duque, 3-1.º — LISBOA-2

4082



MOTOCULTIVADORES

«GRAVELY»

Um só motocultivador * 30 alfaías agrícolas

*Lavra—Sacha—Grada—Semeia—
Transporta—Cava e descava
vinhas—Pulveriza vinhas, batatais
e árvores—Serra—Rega—Ceifa—
etc., etc.*

ADQUIRA um motocultivador
ESCOLHA as alfaías que precisa

Representantes exclusivos:

INIMEX

—Internacional Importadora e Exportadora, Lda.—

Rua Dr. Alberto Pinheiro Torres, 13-5.º Sala 3
Telef. 33379 — PORTO

3886

Tonéis em CIMENTO

(MÓVEIS)

De uma a doze pipas



Armadura em aço inox
Resistem aos abalos de terra

Indicamos centenas de cilenies
que já os usam e Adegas Cooperativas
PEÇAM CATALOGOS

4027

MODELO REGISTRADO

para **Vinhos e Aguardentes**

Se é bom administrador adquira já estes tonéis em cimento e ponha de parte a vasilha de madeira.

Garantimos vinho 75 % melhor — Já vão tratados e prontos a envasilhar vinho e aguardente — Não há atestos e bolores.

Acabe com a preocupação dos arcos e aduelas

Envasilhar vinho nestes tonéis é a mesma coisa que engarrá-lo

Tomamos a responsabilidade do que afirmamos

Invenção e fabrico de

A Industrial do Barreiro

Telefone, 115 — Vila Nova de Famalicão

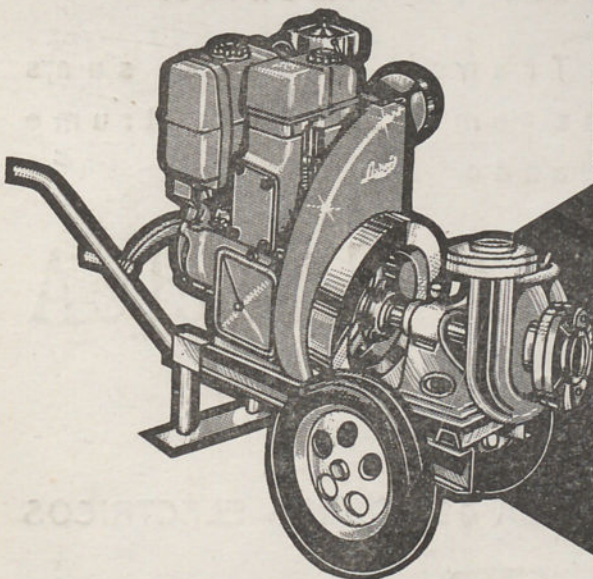
Lister

**GRUPOS
MOTO • BOMBA
DIESEL**

**MOTORES
ARREFECIDOS
POR AR E POR
ÁGUA DESDE
3,5 H. P.**

- ROBUSTOS
- ECONÓMICOS
- GARANTIDOS

**ASSISTÊNCIA
TÉCNICA
PERMANENTE
•
ENTREGAS
IMEDIATAS**



Pinto & Cruz, Limitada

60, Rua Alexandre Braga, 64 - Telf. 26001 (P.P.C.) Teleg. TUBOS-Porto



Snr. Lavrador

A matéria orgânica é indispensável para se obterem bons rendimentos.

Transforme as suas palhas em óptimo estrume utilizando

816

CIANAMIDA CÁLCICA

(CAL AZOTADA)



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º
LISBOA — TELEF. 368989